



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER

NÚMERO **163**
MARÇO 2015



Modernidades Fotografia Brasileira (1940-1964)

4

Mudar as aprendizagens

Este projeto está a dar os primeiros passos no ensino básico, em três agrupamentos de escolas públicas do Alentejo. Sete turmas do 3.º ano do 1.º ciclo experimentam novas aprendizagens com a ajuda de novos meios, nomeadamente digitais. Em Vendas Novas, no Centro Educativo, as crianças aprendem a usar um *tablet* para estudar e aprender.

Um desafio lançado pelo Programa Gulbenkian Qualificação das Novas Gerações, coordenado pela Universidade de Évora e que tem o apoio da Câmara Municipal e da Samsung.



© The Fridge



Grande Auditório Gulbenkian © Tiago Paixão

10

Novas publicações sobre a Fundação

Dois novos livros sobre os espaços renovados da Fundação Gulbenkian vão ser apresentados no dia **27 de março**, no auditório 3. *Restauro e Renovação do Grande Auditório*, da autoria da arquiteta Ana Tostões, e *Edifícios e Jardim. Renovação. 1998-2014*, da autoria da arquiteta Teresa Nunes da Ponte, serão apresentados no seminário internacional Reabilitação e Re-uso da Arquitetura do Movimento Moderno.

13

O retrato das ONG portuguesas

Conhecer a realidade das Organizações Não Governamentais portuguesas e traçar um diagnóstico das suas forças e fragilidades, foi o objetivo do estudo encomendado pelo Programa Cidadania Ativa e elaborado pela Universidade Católica. Entre outros elementos, o estudo apresenta a definição de um conceito de ONG e uma base de dados consistente com esse conceito.

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 163. MARÇO. 2015 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais
COLABORAM NESTE NÚMERO Afonso Cabral | Ana Barata | Ana Mena | Inês Ribeirinho | Sofia Ascenso | **DESIGN** José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | João Silva | **[DDLX] REVISÃO DE TEXTO** Rita Veiga | **IMAGEM DA CAPA** Marcel Gautherot, Folha de carnaúba, Messejana, Ceará, c. 1942 © Instituto Moreira Salles **IMPRESSÃO** Greca Artes Gráficas | **TIRAGEM** 9 000 exemplares
Av. de Berna, 45, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt

Ciência em cena e Famelab

Mais de 300 vídeos assinalam a participação de jovens, dos 14 aos 18 anos, que concorreram ao Ciência em Cena para mostrar como se pode alertar para o problema da diabetes de forma criativa. No dia 7 de março realiza-se a prova final. Com outro objetivo, o Famelab é um concurso de comunicação científica dirigido ao grande público que pretende estimular a boa comunicação e a curiosidade por estes temas. As inscrições encerram a 12 de março.



Ladrão de Alcova, de Ernest Lubitsch

P'ra Rir! (outra vez)

Em dezembro, o ciclo P'ra Rir! marcou o regresso do cinema ao Grande Auditório Gulbenkian. Depois do sucesso do primeiro ciclo, apresenta-se agora P'ra Rir! (outra vez), com curadoria de João Mário Grilo, num conjunto de filmes inesquecíveis que marcaram a história do cinema e a de muitos espetadores. A partir de 7 de março numa grande sala. Bilhetes a 3 €.



Ensaio da Orquestra © Márcia Lessa

Orquestra Juvenil Gustav Mahler

Presença habitual na Gulbenkian Música, a Orquestra Juvenil Gustav Mahler regressa este mês com oito portugueses entre os 127 instrumentistas, o que representa um recorde absoluto de presenças nacionais nesta formação composta por jovens músicos europeus. Durante duas semanas, a Orquestra estará em residência na Fundação Gulbenkian, preparando a habitual digressão de Páscoa e com concertos agendados a partir de 28 de março.

índice

primeiro plano

4 **Mudar as aprendizagens**

notícias

- 10 **Novas publicações sobre a Fundação**
- 12 **Primeiro Título de Impacto Social em Portugal**
- 13 **O retrato das ONG portuguesas**
- 14 **Inovação Social no Cidadania Ativa**
- 15 **O caminho do Talento**
- 16 **Famelab – a ciência para todos**
- 17 **Cancro ponto e vírgula**
- 18 **Melhorar os hospitais em Moçambique**
- 19 **Combater a diabetes com criatividade**
- 20 **Repetição de genes torna as bactérias letais**
- 20 **Bolsa ERC para cientista do IGC**
- 21 **As relações hospedeiro-microorganismo em debate**
- 21 **Programa de Doutoramento IGC**

22 breves

bolseiros gulbenkian

24 **César Rina Simón em março**

cinema

27 **P'ra Rir! (outra vez)**

exposições

- 31 **Bernard Frize**
- 32 **Miguel Ângelo Rocha**
- 33 **Modernidades: Fotografia Brasileira**
- 33 **A Biblioteca Humanista de Pina Martins**

música

- 34 **Orquestra Juvenil Gustav Mahler**
- 36 **novas edições**

37 **Catálogos de exposições na Biblioteca de Arte**

uma obra

38 **Tapeçaria Vertumno e Pomona**





Centro Educativo de Vendas Novas © The Fridge

Mudar as aprendizagens

Três agrupamentos de escolas básicas do Alentejo estão a adotar as novas tecnologias como parte de um projeto maior, desenvolvido pela Universidade de Évora, com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, e que aposta numa ideia de currículo aberto para uma aprendizagem mais robusta e significativa.

Enquanto se preparam para o exercício seguinte, ouve-se um *bip*. “Alguém está a ficar sem bateria, professoral!”, exclama um dos alunos. O alerta é relevante, pois nesta sala de aula os *tablets* não servem para jogar, mas sim para trabalhar. Servem para fazer exercícios de aritmética, para escrever cartas, cartões de Natal e fichas de entrevistas sobre profissões, como nos exemplifica António, de oito anos, aluno da Escola Básica n.º 2 de Vendas Novas. A bateria do *tablet* dele não está a acabar e aproveita assim para nos mostrar, com a ajuda da sua lapiseira digital, como

funciona o editor de texto, como se altera o tamanho da letra, a espessura do traço, as cores, e no fim a borracha, que tem o poder para apagar os erros de ortografia.

No quadro interativo que substituiu o tradicional quadro de ardósia, a professora Cecília vai monitorizando em simultâneo o trabalho desenvolvido por cada aluno, e corrige os exercícios de forma coletiva. “Agora saem desta aplicação e vamos ao manual de Matemática”, diz aos seus alunos.

Desde o início do ano letivo que estas instruções já fazem parte da rotina de trabalho de sete turmas do 3.º ano, 1.º



Quadro interativo na aula © The Fridge

ciclo, distribuídas por três agrupamentos de escolas do Alentejo: Ponte de Sor, Vendas Novas e Vidigueira. As sete turmas estão a participar no projeto-piloto **Promoção de Mudanças na Aprendizagem**, um desafio que a Fundação Gulbenkian, através do seu Programa de Qualificação das Novas Gerações, lançou a uma equipa da Universidade de Évora liderada por José Verdasca.

Sobre a conceção e implementação do projeto, José Verdasca explica que este vai muito para além da utilização de *tablets* em contexto de sala de aula. O projeto assenta sobretudo numa ideia de “currículo aberto”, no sentido em que há um currículo oficial que a escola desenvolve, particularmente na área da Matemática, do Português, e do Estudo do Meio, mas em que os professores podem recorrer a outros “atores” complementares. “Se o autor de determinada obra estiver disponível, porque não há de vir ele próprio falar do seu livro aos alunos e contar-lhes a história?” Esta é uma das possibilidades que avança o professor da Universidade de Évora. Mas há outras: a Matemática e a Arte podem ser aliadas, aplicando a dança na exploração de alguns conceitos matemáticos; e no âmbito do Estudo

do Meio pode haver parcerias com o centro Ciência Viva de Estremoz ou pode ser construído um objeto em formato virtual que permita às crianças melhor conhecer a sua própria terra. Por outro lado, em Vendas Novas, cidade conhecida pelas suas bifanas, uma visita ao talho ou a um matadouro pode tornar-se numa oportunidade para abordar questões como a conservação da carne e das proteínas, a roda dos alimentos e a alimentação saudável. “Aproveitar o roteiro sobre a atividade económica local, a história e o empreendedorismo local, para introduzir componentes do estudo do meio que tenham a ver com aspetos mais científicos e de aprendizagem sobre esses temas.”

“A Matemática e a Arte podem ser aliadas, aplicando a dança na exploração de alguns conceitos matemáticos”



A professora Cecília Ferreira ensina a preencher uma ficha © The Fridge

DESAFIOS AOS PROFESSORES

Tudo isto é “muito negociado” com os professores a partir do plano curricular das respetivas turmas, explica José Verdasca, sendo a monodocência “muito favorável” neste processo, uma vez que um único professor integra todo o currículo. O objetivo é que as professoras envolvidas não sintam que isto é uma coisa “estranha”, mas sim que se apropriem destas ideias, conseguindo soluções adequadas das quais se sintam “autoras”. “Queremos que no agrupamento sintam este projeto como seu, e não como alguma coisa que a Universidade trouxe e com a qual não têm nada a ver.” Cabe à equipa da Universidade de Évora perceber o cronograma e a “intencionalidade” com que as atividades da escola são desenhadas, sublinha Verdasca, para saber onde é que o projeto pode contribuir para aprofundar aspetos temáticos. “O desafio é promover mudanças nos modos de aprender e na robustez dessa aprendizagem, tornando-a mais significativa, mais duradoura.”

“Queremos que nos agrupamentos sintam este projeto como seu”

Outra importante componente do projeto é a vertente socioemocional, desenvolvida por Adelinda Candeias, do departamento de Psicologia e Pedagogia da Universidade de Évora. Desde o início do ano letivo têm vindo a ser reali-

zadas provas psicológicas (Testes de Torrance, por exemplo) como técnica de “medição da criatividade” dos alunos. A partir desses resultados também serão desenvolvidas várias atividades que potenciem as aprendizagens. “Pretende-se trabalhar as competências sociais e emocionais e a criatividade”, explica Ana Cristóvão, uma bolsista que faz parte da equipa de investigação. Não foram só os alunos que foram sujeitos a estas provas – já houve um questionário sobre inteligência emocional a que pais e professores também responderam.

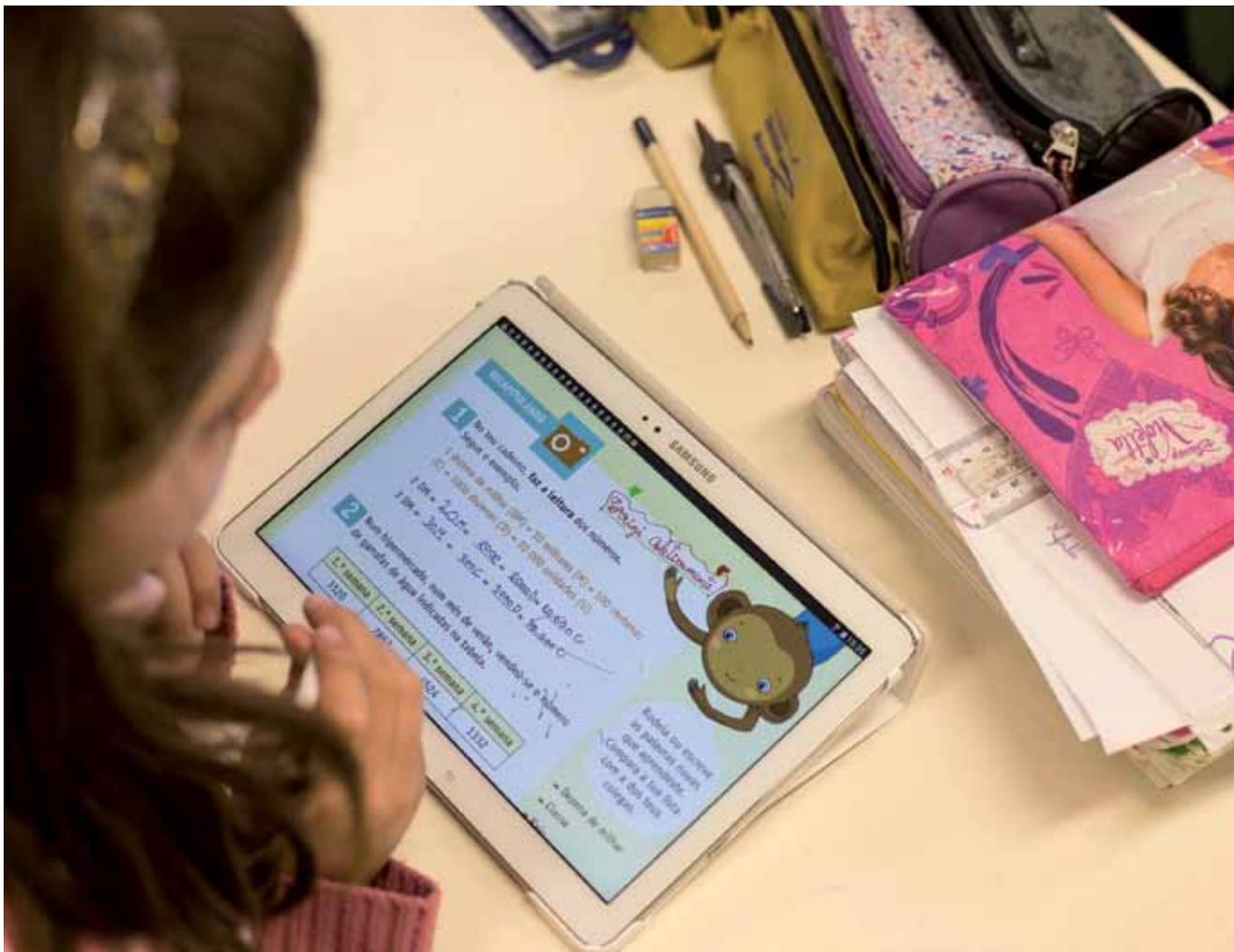
“Pretende-se trabalhar as competências sociais, emocionais, e a criatividade”

SALAS DE AULA “INTELIGENTES”

Quando toca para o intervalo, as crianças correm para ir brincar lá fora e os *tablets* da Samsung ficam na sala de aula. A marca coreana associou-se ao projeto através da assinatura de um protocolo com a Fundação Gulbenkian, em julho de 2014, e doou equipamento informático às três escolas envolvidas, incluindo 186 *tablets* para uso dos alunos e professores. A parceria surgiu no âmbito da iniciativa



Aspetto do ambiente de trabalho de cada *tablet* com as fichas e trabalhos do dia © The Fridge



Ficha de exercício © The Fridge

Smart Classroom, como parte do programa de cidadania corporativa da Samsung em Portugal. Mas mais do que instalar *tablets* e um quadro interativo numa sala com ligação à Internet, esta iniciativa pretende privilegiar a inclusão de conteúdos e manuais digitais que permitam tirar o melhor partido das tecnologias. “A formação dos professores é outro elemento essencial deste programa, uma vez que os docentes são um elemento essencial para o sucesso das Smart Classroom”, diz fonte da Samsung.

Os conteúdos podem ser desenvolvidos pela equipa de investigação do projeto, que na área tecnológica tem coordenação de José Luís Ramos, mas também pelos professores, que não tiveram apenas uma formação de utilização de base: alguns já tiveram formação em Bruxelas, por via da Samsung, e estão preparados para trabalhar com outras aplicações como o Edmodo, “uma espécie de Facebook virada para o ensino”, ou para trabalhar com *software* geral para edição de som e imagem, como o Audacity ou o Windows Moviemaker. “Quer a componente tecnológica quer a componente socioemocional são instrumentos e

“A formação dos professores é outro elemento essencial deste programa”

meios para espoletar uma aprendizagem mais significativa”, ressalva José Verdasca, à margem das brincadeiras no recreio. Se o 1.º período foi mais dedicado à componente tecnológica e de formação, no 2.º período quer-se trabalhar a Literatura. “Estamos em negociações para escolher uma história que seja comum às três escolas, e criar várias atividades a partir dessa história. No 3.º período queremos trabalhar com a Música.”

O projeto irá acompanhar as sete turmas mais um ano, até ao final do 1.º ciclo. “Depois é a transição para a polidocência”, diz José Verdasca, antecipando que a abordagem junto dos professores terá de ser necessariamente diferente. “Para já, estamos nos primeiros passos.” ■

Entrevista com

Luís Dias

presidente da Câmara de Vendas Novas

Nascido em 1983, Luís Dias gere os destinos do concelho mais jovem do Alentejo, desde 2013. Com uma licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas e uma pós-graduação em Ciências Documentais e Gestão de Informação, a Educação tem sido uma prioridade no seu mandato, no qual tem apoiado entusiasticamente o projeto Promoção de Mudanças na Aprendizagem.

COMO É QUE A CÂMARA MUNICIPAL DE VENDAS NOVAS SE ENVOLVEU NESTE PROJETO?

Antes de mais, devo dizer que foi um grande gosto e uma grande honra para Vendas Novas acolher um projeto destes que, a nível nacional, só acontece neste momento em mais dois agrupamentos de escolas do Alentejo. Este é um projeto que vai muito ao encontro daquilo que estamos a desenvolver em termos de políticas educativas no concelho e que, numa primeira fase, incidiu um bocadinho no *hardware*, como costumamos dizer: escolas, infraestruturas e rede de cantinas escolares, que não estava consolidada. Esse foi o trabalho no primeiro ano do executivo, agora é necessário darmos o passo seguinte – trabalhar nos projetos educativos, a par com o nosso agrupamento de escolas – e perceber como é que conseguimos preparar melhor os nossos jovens e crianças para os desafios que têm pela frente e que são cada vez mais exigentes. É preciso preparar as crianças para um meio cada vez mais competitivo em que têm de estar bem munidas e bem apetrechadas com as tecnologias necessárias ao desenvolvimento das suas melhores capacidades. Esse é o caminho que queremos seguir, portanto, conhecer este projeto da Gulbenkian com a Universidade de Évora e com a Samsung – de referir aqui que é ótimo para a Câmara de Vendas Novas ter parceiros tão importantes num lançamento destes – foi não só uma grande honra, mas também o lançar a semente à terra para agora fazermos mais.

E O PROJETO TEM CORRIDO BEM?

Tenho um *feedback* muito positivo da parte da escola, dos professores, dos pais e das crianças. Estão a acompanhar bem e estão a desenvolver e a criar novas capacidades e competências que era o que se pretendia pedagogicamente. No fundo, estão a usar aquilo que os pais usam em casa de uma forma mais lúdica, mas a aprender a utilizar esta ferramenta para fazer os trabalhos da escola e desenvolver as suas novas competências.

A parte mais interessante deste projeto é munir aqueles alunos de ferramentas que hoje em dia são banais para a maior parte dos cidadãos, mas que ainda estão fora do ambiente escolar. Há um bocadinho de resistência a estas abordagens às novas tecnologias. Tivemos oportunidade de acompanhar algumas aulas com essas duas turmas que estão a trabalhar no projeto e percebemos que há ganhos pedagógicos grandes. Neste sentido, e porque tem de haver uma consequência depois deste projeto-piloto, a ideia da Câmara Municipal é agarrar a ideia e os parceiros e tentar desenvolver aqui algumas iniciativas que amplifiquem o projeto para todos os terceiros e quartos anos.

“É preciso preparar as crianças para um meio cada vez mais competitivo”

FALOU DAS POLÍTICAS EDUCATIVAS E DAQUILO QUE CORRESPONDE À IDEIA QUE A CÂMARA TEM PARA AS POLÍTICAS EDUCATIVAS DO CONCELHO. É UM JOVEM PRESIDENTE DE CÂMARA, AINDA NO PRIMEIRO MANDATO: O QUE VAI O SEU EXECUTIVO FAZER QUANTO À EDUCAÇÃO NO CONCELHO?

Em primeiro lugar, houve uma necessidade muito clara de intervir na escola ao nível do espaço físico porque temos escolas muito antigas. Temos agora um Centro Educativo novo, onde decorre este projeto, e que é completamente diferente de todo o restante parque escolar. Depois avançamos para a criação da rede de cantinas escolares que permite aos nossos alunos comerem na própria escola onde estão a estudar e evitarem andar em deslocações à hora de almoço, o que lhes roubava quase metade do tempo que

tinham para brincar e para descansar um bocadinho. O terceiro passo é como que um incentivo ao ensino e de ajuda às famílias: adotámos um programa de entrega de manuais escolares a todos os alunos do ensino público, do 1.º ao 4.º ano. Este ano será para todo o ensino público e privado porque é uma medida de universalização do ensino, não é uma medida de carácter social. Queremos dizer às pessoas que o lugar dos miúdos é na escola e que estamos cá para os apoiar no seu percurso escolar, e para apoiar também as famílias, de forma a que não desistam deles e intervenham cada vez mais junto de cada um dos seus filhos, acompanhando-os, obviamente. São filhos de Vendas Novas que queremos que sejam melhores no futuro.

“Na Educação cada cêntimo investido é uma mais-valia”

ESTE É UM CONCELHO MUITO JOVEM COMPARANDO COM OUTROS NO ALENTEJO...

Felizmente! Somos o concelho mais jovem do Alentejo e temos uma população que até ao Censur 2011 vinha a crescer. Agora, está a sofrer do mesmo sintoma que o resto dos municípios com alguma taxa de emigração. Algumas pessoas do concelho foram para fora e levaram os filhos, mas mesmo assim temos muitas crianças, muitos jovens; temos uma população escolar que por norma termina os seus percursos académicos, que vai para a universidade e que volta para o concelho de Vendas Novas...

COMO FOI O SEU CASO...

O que foi o meu caso. Infelizmente ainda não conseguimos chegar ao patamar de lhes dar as condições todas para desenvolver os seus projetos profissionais, mas estamos a pensar nisso também – vamos criar uma incubadora de empresas, uma zona de *coworking*, para que possam também aplicar os conhecimentos adquiridos na universidade e ficar realmente cá e criar as suas empresas, criar emprego e riqueza. Queremos que estas pessoas possam manter as suas raízes em Vendas Novas, que constituam família e possam ajudar-nos a desenvolver uma terra de que tanto gostamos todos. E é para isso que estamos a usar os poucos



Luis Dias © The Fridge

recursos que temos, é verdade, mas na Educação cada cêntimo investido é uma mais-valia. Estamos a trabalhar para que tenham mais oportunidades do que aquelas que nós tivemos e só assim é que conseguimos evoluir. E enquanto formos seres insatisfeitos por natureza (esta é uma frase minha de há muitos anos) estamos a gerar progresso. ■



© Mária Lessa

Novas publicações sobre a Fundação

No dia 27 de março, são apresentados ao público dois livros sobre a renovação dos espaços da Fundação Calouste Gulbenkian. *Restauro e Renovação do Grande Auditório*, da autoria da arquiteta Ana Tostões, e *Edifícios e Jardim. Renovação. 1998-2014*, da autoria da arquiteta Teresa Nunes da Ponte, são apresentados no seminário internacional *Reabilitação e Re-uso da Arquitetura do Movimento Moderno*.

EDIFÍCIOS E JARDIM. RENOVAÇÃO. 1998-2014

A publicação de **Teresa Nunes da Ponte**, arquiteta que coordenou a equipa projetista responsável pela renovação do Grande Auditório, aborda todos os grandes trabalhos de renovação e melhoramento a que os edifícios e jardins da Fundação foram sujeitos ao longo dos anos. Como é referido em *Edifícios e Jardim. Renovação. 1998-2014*, “excetando algumas ações pontuais anteriores, as intervenções começam a ser planeadas em 1998” e é nessa altura que se

iniciam as obras em três frentes diversas: as áreas públicas da Sede, do Museu e do Centro de Arte Moderna. De seguida são realizadas obras de reabilitação na Galeria de Exposições Temporárias do Museu, e há uma reorganização das zonas administrativas da Sede, dos Serviços Médicos e posteriormente da Zona de Congressos, que termina com o restauro e renovação do Grande Auditório e as suas áreas adjacentes.

No livro, estes trabalhos são abordados detalhadamente, assim como as intervenções feitas no Jardim, com obras de melhoria das acessibilidades para utentes com mobilidade reduzida, e a instalação de uma cobertura amovível de proteção do palco do Anfiteatro ao Ar Livre. Os edifícios que não se situam na Avenida de Berna, ou seja, o Instituto Gulbenkian de Ciência, em Oeiras, e as delegações de Paris e Londres, são também alvo de uma análise no que diz respeito a obras de renovação ou de reinstalação. No caso do IGC são referidas as obras de renovação; na delegação da Fundação no Reino Unido, que se mudou para Hoxton Square em 2009, e no Centro Cultural Calouste Gulbenkian,



em Paris, que se transferiu para um novo edifício em 2011, são apresentados os projetos de reinstalação.

RESTAURO E RENOVAÇÃO DO GRANDE AUDITÓRIO

A arquiteta **Ana Tostões** integrou a Comissão de Acompanhamento à renovação do Grande Auditório, juntamente com Emílio Rui Vilar e Luís Valente de Oliveira, o que faz dela uma das pessoas mais próximas a todo o processo daquilo que considera “uma obra invisível”. **Restauro e Renovação do Grande Auditório** é uma publicação que pretende explicar “porque é que a opção foi restaurar”, o que se traduziu numa obra de grandes transformações a nível técnico, ou seja, visando a acústica da sala, os elevadores, os sistemas de ar condicionado, as condições de luz e os acessos e saídas de emergência, entre outras intervenções, mas que tentou respeitar ao máximo o espaço do Auditório, que tem características que são “intocáveis”, na opinião da arquiteta, mantendo assim as qualidades estéticas que o público conhece desde a inauguração da sala, em 1969. As obras envolveram a sala de espetáculos, o palco, o subpalco, as salas de ensaios da orquestra e do coro, bem como todas as zonas de apoio técnico, que passam a dispor de novas estruturas e infraestruturas completamente adaptadas às atuais legislações europeias em matéria de segurança, qualidade e operacionalidade.



Nesta publicação, as obras realizadas são abordadas detalhadamente, desde a construção de uma nova sala de ensaios para a Orquestra Gulbenkian à colocação da nova “canópia” por cima do palco, porventura a mudança mais visível no renovado Grande Auditório.

Os livros de Teresa Nunes da Ponte e Ana Tostões são apresentados no dia 27 de março, no Auditório 3, no seminário internacional *Reabilitação e Re-uso da Arquitetura do Movimento Moderno*, que irá ter a participação dos oradores Hubert-Jan Henket, Horacio Torrent, Wessel de Jonge, France Vanlaethem, Louise Noelle e Eduardo Souto de Moura, assim como das próprias Teresa Nunes da Ponte e Ana Tostões. ■



Aula da Academia de Código Júnior © CML

Primeiro Título de Impacto Social em Portugal

Já é possível investir em projetos que resolvem problemas sociais, com possibilidade de retorno para os investidores

O primeiro “título de impacto social”, um mecanismo de financiamento inovador pelo qual uma entidade do setor público celebra um contrato com investidores privados, com base em resultados sociais específicos, foi lançado pela primeira vez em Portugal, por um consórcio composto pela Câmara Municipal de Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Code for all, Laboratório de Investimento Social e Universidade Nova de Lisboa.

Desenvolvido pelo Laboratório de Investimento Social, um projeto sem fins lucrativos que pretende catalisar o mercado de investimento social em Portugal e desenvolver mecanismos financeiros adequados ao financiamento da inovação social, o primeiro título de impacto social em Portugal foi lançado na área da Educação com o projeto-piloto Academia de Código Júnior, que irá testar o ensino de programação informática a alunos do ensino básico, com o objetivo de melhorar a sua capacidade de resolução de problemas e o seu desempenho escolar a Português e a Matemática.

Os investidores que financiem serviços ou projetos através do título de impacto social, para resolver problemas sociais

de uma população-alvo, são reembolsados pela entidade do setor público, caso os resultados sejam atingidos. Se não forem alcançados os resultados pretendidos, os investidores não são reembolsados, assumindo assim o risco da intervenção.

A Fundação Calouste Gulbenkian investiu na Academia de Código Júnior cerca de 120 mil euros. Este projeto-piloto, desenvolvido pela Code for all, uma organização que oferece formação em programação informática a jovens e adultos, envolve 65 alunos de três escolas do 1.º ciclo de Ensino Básico de Lisboa, tuteladas pela Câmara Municipal de Lisboa. O projeto arrancou em janeiro e vai estender-se até dezembro do ano corrente, sendo o desempenho escolar dos alunos avaliado através de um método desenvolvido pela Universidade Nova de Lisboa. Se se verificar uma melhoria nos resultados dos alunos envolvidos, a Câmara Municipal de Lisboa irá reembolsar a Fundação Calouste Gulbenkian pelo montante inicialmente investido no financiamento deste projeto.

“Os títulos de impacto social permitem conjugar a possibilidade de um retorno financeiro com um retorno social,

mobilizando recursos do mercado para projetos com uma forte componente de inovação social”, afirmou Artur Santos Silva, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, na apresentação pública do projeto. “O investimento social traduz uma mudança muito significativa nos tradicionais modelos de filantropia e de investimento financeiro. Trata-se de uma área do conhecimento e da prática que está em desenvolvimento com novas instituições, fundos e instrumentos financeiros a surgirem no contexto internacional”, acrescentou ainda, na sessão que contou com a presença de António Costa, presidente da Câmara Municipal de

Lisboa, e de Graça Fonseca, vereadora da Economia, Inovação, Educação e Descentralização. “No futuro, vai ser tão importante aprender a programar, como era no tempo dos nossos avós aprender a ler e a contar”, reforçou António Costa na sua intervenção, referindo-se à Academia de Código Júnior.

Com este projeto, Portugal junta-se a um grupo restrito de países europeus que já testaram títulos de impacto social e que inclui a Alemanha, a Holanda, a Bélgica e o Reino Unido. ■

www.investmentosocial.pt

O retrato das ONG portuguesas

“Estudo de Diagnóstico das Organizações não Governamentais em Portugal”, encomendado pela Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito do Programa Cidadania Ativa, e elaborado pela Universidade Católica Portuguesa ao longo de 2014, foi apresentado no final de fevereiro. Com coordenação de Raquel Campos Franco, a produção deste estudo visou aprofundar o conhecimento das organizações não governamentais (ONG) no nosso país, tanto a nível do seu peso na realidade socioeconómica portuguesa, das suas áreas de atividade, das formas de organização e de gestão e capacidades de financiamento, como dos principais pontos fortes e pontos fracos que as caracterizam.

O estudo contribui para a produção de dados novos sobre todo o conjunto das ONG em Portugal, mais precisamente em termos da definição de um conceito e da elaboração de uma base de dados consistente com esse conceito. Foi realizado um inquérito muito desenvolvido a 153 ONG a operar em diversas áreas e distribuídas por todo o país, mas também um inquérito online, mais breve, a ONG de defesa dos direitos humanos, e ainda um estudo económico sobre os fatores influenciadores da sustentabilidade económica das IPSS. São ainda apresentados neste documento dez estudos de caso sobre dois grupos de ONG, da área social e com atividade na defesa dos direitos humanos e cidadania ativa.

Em Portugal existem cerca de 17 mil ONG, das quais um terço se dedica a serviços sociais, a situações de emergência e a necessidades de expressão artística e cultural, muitas vezes combinadas com fins lúdicos. O estudo aponta que estas ONG são as únicas que conseguem formar uma plataforma de nível nacional com representatividade e alguma capacidade de negociação para influenciar de uma

forma eficaz financiamentos e medidas de política pública. O estudo sublinha ainda que estão a emergir em Portugal ONG vocacionadas para prestar serviços e mobilizar recursos para apoiar organizações de economia social, mas que este grupo de organizações ainda é relativamente pouco denso e pouco diversificado para responder satisfatoriamente a essas necessidades de apoio.

A aposta na capacitação de dirigentes e de colaboradores, nomeadamente na área da gestão estratégica e operacional, bem como na área do marketing e comunicação, através de programas de “formação-ação” e de uma melhor articulação entre as direções estatutárias e as direções executivas ou operacionais, é uma das recomendações deste estudo. A implementação de processos de certificação da qualidade e a definição de políticas públicas e quadros legislativos integrados, adequados e desenvolvidos com a participação ativa de quem atua no terreno, é outra das recomendações deixadas pelo estudo.

No que se refere ao financiamento, apontado unanimemente pelas ONG analisadas como o seu principal problema, o estudo recomenda a diversificação das fontes de receitas como aposta fundamental, mas também recomenda a contratualização do financiamento público, tal como está instituído no caso das IPSS, introduzindo um fator de previsibilidade no financiamento. Por outro lado, recomenda-se ainda que seja potenciado o papel das organizações de nível superior, estruturas que permitem unir numa só voz as diversas ONG que atuam numa determinada área e que podem assim ter mais influência no diálogo com o poder político na definição das políticas para o sector. O estudo recomenda por fim a promoção da participação e da organização da sociedade civil, mas também o desenvolvimento de dados para a melhoria do conhecimento sobre o sector. ■



Inovação social nos projetos do Programa Cidadania Ativa

Um estudo sobre o nível de inovação social nos projetos apoiados pelo Programa Cidadania Ativa, apresentado na Fundação Calouste Gulbenkian no final de fevereiro, conclui que este programa tem um nível de inovação social “moderado a alto” (2,5 numa escala de 1 a 4), e que o seu enquadramento bem como as suas áreas de atuação são facilitadores dos processos de inovação social. O estudo foi elaborado pelo IES-Social Business School, com base na informação fornecida pelas candidaturas dos 107 projetos aprovados (54 em 2013 e 53 em 2014) nas diferentes áreas de atuação do Programa Cidadania Ativa.

O estudo conclui que o Programa Cidadania Ativa pode ter um impacto duplamente positivo sobre os problemas sociais e os obstáculos à inovação social existentes em Portugal: por um lado, apresenta-se como solução complementar para as dificuldades de financiamento, agravadas pela crise; por outro lado, refere-se a importância das áreas de intervenção prioritárias definidas pelo Programa.

Entre os projetos analisados neste estudo destacam-se três, pela positiva: “Novos desafios no combate à violência sexual” (área de atuação: participação das ONG na conceção e aplicação de políticas públicas, a nível nacional, regional e local), promovido pela Associação de Mulheres contra a Violência; “Políticas globais e estratégias locais para o desenvolvimento sustentável” (área de atuação: promoção dos valores democráticos, incluindo a defesa dos direitos humanos, dos direitos das minorias e da luta contra as dis-

criminações), promovido pela Fundação Fé e Cooperação; e “MAIS – Melhor ação e inovação social” (área de atuação: reforço da eficácia da ação das ONG), promovido pela União Distrital das Instituições Particulares de Solidariedade Social do Porto.

A nível nacional, 31 por cento das respostas aos inquéritos realizados no âmbito deste estudo identificam a sustentabilidade como o maior obstáculo para o desenvolvimento de iniciativas. “Sendo o Estado, de longe, o maior financiador do terceiro sector (uma tendência europeia dominante), contar apenas ou sobretudo com o investimento público parece estar a criar um ambiente adverso à inovação social”, lê-se no estudo. A implementação do projeto – um forte indicador para a inovação dentro do sistema – também é vista como uma barreira (24 por cento das respostas). “Avaliar a inovação como uma barreira, e não como uma oportunidade para melhorar, gera um ciclo de ineficiência que limita a conversão de ideias inovadoras em prática”, conclui o estudo.

No estudo define-se “inovação social” como novas soluções sustentáveis (produtos, serviços, modelos, mercados, processos, etc.) que permitem simultaneamente responder a uma necessidade social (mais eficazmente do que as soluções existentes) e orientar para competências e relações novas ou melhoradas, e para uma melhor utilização de ativos e recursos. Em suma, as inovações sociais trazem benefícios para a sociedade e melhoram a sua capacidade para agir. ■

www.cidadaniaativa.gulbenkian.pt



O caminho do talento

No passado dia 26 de fevereiro, realizou-se, no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, o 11.º Encontro Nacional de Inovação Cotec, sob o tema *The talent journey*. Durante o encontro foram apresentados os resultados do estudo Transforma Talento Portugal, promovido conjuntamente pela Cotec Portugal e pela Fundação Calouste Gulbenkian, com o alto patrocínio do Presidente da República. Trata-se de um trabalho abrangente, levado a cabo pela Everis, acerca do estado do talento em Portugal e que identifica os principais problemas e as medidas que devem ser tomadas para potenciar ao máximo o talento nacional.

Transforma Talento Portugal resulta de um inquérito levado a cabo junto de personalidades ligadas a várias áreas – educação, pedagogia, formação, cultura, empreendedorismo, sociologia, mercado de trabalho e migração. Foram igualmente consultados determinados coletivos setoriais, como a Associação Nacional das Pequenas e Médias Empresas (ANPME) e a Associação Nacional de Jovens Empresários (ANJE), entre outros. O estudo aborda o tema do talento de

uma forma integrada, desde a sua identificação (na família e nas fases mais iniciais do sistema de ensino), até ao seu desenvolvimento e plena valorização pelas mais diversas entidades, nomeadamente o sector empresarial.

No estudo considera-se que o talento está presente em toda e qualquer pessoa, ainda que nem sempre de forma visível. Considera-se ainda que, para que o talento possa ser potenciado, é necessário considerar três elementos-chave: o estímulo, a orientação e a oportunidade. Para esse efeito, são apresentadas soluções práticas para maximizar o potencial de cada um dos elementos, por meio da construção de um ecossistema propício à identificação e desenvolvimento dos talentos, da otimização do conhecimento e afetação eficiente dos talentos e ainda da dinamização de oportunidades contínuas para a realização e potencialização dos talentos. Assim, e através de exemplos práticos, Transforma Talento Portugal pretende dar um contributo de mudança numa área em que Portugal não demonstra grandes índices de sucesso e que pode ser da maior importância para o crescimento económico do país. ■



FameLab

A ciência para todos

Inscrições até 12 de março

O FameLab – concurso internacional de comunicação científica dirigido ao grande público – pretende estimular a boa comunicação de temas científicos, despertar a curiosidade dos públicos por estes temas e desenvolver as competências daqueles que já demonstram ter interesse e talento para comunicar ciência. Para isso, cada concorrente tem três minutos para demonstrar a sua capacidade de comunicar os mais diversos temas científicos, recorrendo apenas à palavra e ao gesto, sem a ajuda de *powerpoints*.

Marta Santos e **Sofia Oliveira**, respetivamente, primeiro e segundo lugares da edição 2014 do FameLab Portugal, são testemunhas do impacto que as regras do concurso tiveram nas suas formas de abordar os temas: “O limite de três minutos faz com que tenhamos de resumir tudo ao máximo e isso obriga-nos a incluir apenas o essencial”, considera Sofia Oliveira. “Este exercício é bastante benéfico pois impede que a apresentação seja aborrecida ou demasiado complicada do ponto de vista do público e, por outro lado, faz com que o discurso tenha de estar muito bem organizado e ensaiado.” Marta Santos é da mesma opinião: “Sinto que toda a experiência foi bastante benéfica para mim: exercitei o poder de síntese, percebi melhor o que funciona e o que não funciona em termos de comunicação.”

O concurso, criado em 2005 pelo Cheltenham Science Festival, ganhou expressão mundial com o apoio do British Council, que o expandiu a mais de 25 países concorrentes, da Europa a Hong Kong. Em Portugal, o FameLab é organizado desde 2010 pela Ciência Viva e pelo British Council, a que se juntou, em 2014, a Fundação Calouste Gulbenkian como entidade parceira. Por isso, o vencedor da edição nacional terá o privilégio de representar o seu país na grande final internacional, uma tarefa que no ano passado coube a Marta Santos, e que ela considera ter sido transformadora: “Posso dizer que participar no FameLab e ter tido a oportunidade de chegar tão longe no concurso mudou, de facto, a minha vida.” A estudante de pós-doutoramento em Física, de 27 anos, que também frequenta um mestrado em Comunicação de Ciência, recorda: “Foram alguns meses de bastante trabalho e de compreender e tentar ultrapassar as minhas limitações. A *masterclass* em que tive oportunidade de participar foi extremamente útil para melhorar as minhas capacidades de comunicação.” Já Sofia Oliveira, que está no último ano de uma licenciatura em Biologia, também guarda boas recordações da sua participação no concurso: “Para além da experiência única que é estar em cima do palco e falar sobre algo de que se gosta, o FameLab per-

mitiu-me conhecer um grupo de pessoas fantásticas em que a união e boa disposição eram constantes.”
O período de inscrições para a edição 2015 do FameLab termina a **12 de março**. Para concorrer, os candidatos devem ter mais de 18 anos, trabalhar ou estudar na área de ciência e tecnologia, e submeter a concurso um *videoclip* de três minutos com a sua apresentação. As melhores prestações serão selecionadas para uma apresentação, na semifinal do

concurso, perante o júri e uma audiência. A partir desta prestação pública, são apurados os dez finalistas, que terão direito a uma formação intensiva com um especialista internacional, que os prepara para a final nacional, na qual será escolhido o vencedor que representará Portugal na final internacional. ■

www.famelab.pt



Cancro Ponto e Vírgula

A exposição pedagógica *Cancro Ponto e Vírgula*, que ocupou a Zona de Congressos da Fundação entre os dias 26 e 30 de janeiro, teve cerca de mil visitantes, entre alunos e professores de várias escolas secundárias de Lisboa. A exposição organizada pelo Instituto de Patologia e Imunologia Molecular (Ipatimup) dirigia-se a grupos escolares, com o objetivo de aumentar a literacia dos mais jovens em relação aos problemas da saúde e do cancro, mas

também teve outros visitantes ocasionais. Seis tipos de cancro estiveram em destaque nesta iniciativa: colo do útero, cólon e reto, estômago, mama, pele e tireoide. O programa incluía visitas guiadas à exposição e sessões de discussão orientadas por investigadores e especialistas do Ipatimup, num ambiente de contacto informal. Desta iniciativa resultou ainda o livro *Cancro Ponto e Vírgula*, disponível para venda na Fundação Gulbenkian. ■



Elisa Gundana © Márcia Lessa

Melhorar os hospitais em Moçambique

Elisa da Estrela Gundana é natural de Inhambane, “terra de boa gente”, a norte de Maputo, Moçambique. Médica-cirurgiã de 44 anos, está há sete à frente do Hospital Rural do Songo, ponto de referência no sector da saúde desta pequena vila do distrito de Cahora-Bassa, na província de Tete, conhecida por ser casa da maior hidroelétrica em Moçambique e que abastece não só o país, como os países vizinhos, a África do Sul e o Zimbabué.

Sentindo as dificuldades que surgem no início da carreira, e num hospital sem muitos recursos humanos e técnicos, Elisa Gundana concorreu em 2012 ao concurso da Fundação Calouste Gulbenkian de apoio a estágios de curta duração para profissionais de saúde dos PALOP. “Quando voltei a Moçambique, depois de concluir a minha formação, percebi que tinha de ser mais abrangente. Havia um leque de patologias que podia resolver localmente, mas havia necessidade de fazer estágios específicos, de passar por outros serviços clínicos”. Tendo estudado em Coimbra, a escolha acabou por recair no Centro Hospitalar de Coimbra.

O concurso permite e favorece a independência e autonomia dos candidatos, que contactam diretamente os hospitais portugueses e as direções dos serviços onde pretendem estagiar, e o programa de estágio é definido entre ambos. Na candidatura, o júri avalia a qualidade dos programas, as áreas de especialização, as necessidades dos países e o mérito. Elisa Gundana optou pelas áreas da obstetrícia e ginecologia. “A grande maioria das pessoas que procuram o Hospital Rural do Songo são mulheres. Muitas vezes tínhamos de evacuar doentes por questões do foro obstétrico, situações que podíamos resolver localmente, caso tivesse formação específica. Nem toda a população tem condições para ir até Nampula ou Maputo, onde estão localizados os hospitais centrais.”

Hoje, é uma espécie de “diretora faz-tudo”, num hospital com serviço de urgência permanente e que serve a comunidade em diversas especialidades. Atualmente as suas prioridades de intervenção vão para os cuidados intensivos e a cirurgia. Por isso, na 4.ª edição do concurso de estágios para profissio-

nais de saúde dos PALOP, os enfermeiros do Hospital Rural do Songo Laurinda Jofre e Cadapita Guidiasse, que trabalham nos cuidados intensivos e na cirurgia, respetivamente, estarão nos próximos três meses em Portugal, no Centro Hospitalar de Coimbra. “A ideia é atualizar os conhecimentos e a formação específica dos profissionais de saúde em áreas prioritárias para o hospital”, explica Elisa. “Preciso de rentabilizar a área dos cuidados intensivos. Temos equipamento, adquirido com o apoio da Fundação Gulbenkian, para doentes graves e que permite a realização de grandes cirurgias, mas houve necessidade de enviar para Portugal dois profissionais para se especializarem e terem mais noções na área de cuidados intensivos.”

Os grandes queimados são das patologias mais frequentes na zona de Cahora-Bassa, principalmente entre os meses de maio e agosto, meses mais frios. Contam também, desde 2013, com um dermatomo, adquirido pela Fundação; este instrumento permite a realização de excertos em lesões cutâneas de grandes queimados de difícil tratamento – desta forma, conseguiu-se reduzir o tempo de tratamento dos doentes e consequentemente os custos. “Um tratamento que levava dois a três meses, hoje em duas a três semanas a pessoa está em casa. É um tratamento muito doloroso

– este instrumento teve um impacto muito grande na redução da dor, os doentes não sofrem tanto e retornam a casa e ao seu ambiente familiar mais cedo.”

MAIS-VALIA, VOLUNTARIADO SÉNIOR

Com uma grande proximidade à Fundação Calouste Gulbenkian, que inclui não só o apoio aos estagiários do concurso para profissionais de saúde e a aquisição de equipamento hospitalar, o Hospital Rural do Songo vai receber também, no segundo semestre de 2015, três voluntários Mais-Valia da Fundação Gulbenkian, um projeto dirigido ao voluntariado sénior de curta duração em cooperação e desenvolvimento, nas áreas da educação, saúde e artes. Uma enfermeira obstetra, um fisioterapeuta e um psiquiatra vão apoiar a capacitação de profissionais na área da saúde materna, projetar os futuros serviços de fisioterapia e reabilitação e a enfermaria de psiquiatria. Sublinha a diretora: “Vai ser muito bom ter o apoio destes três profissionais experientes para nos ajudarem a planear e darem ideias de como as coisas nos seus respetivos sectores podem funcionar melhor. O apoio da Fundação tem tido um impacto positivo na população que o Hospital serve.” ■

Combater a diabetes com criatividade

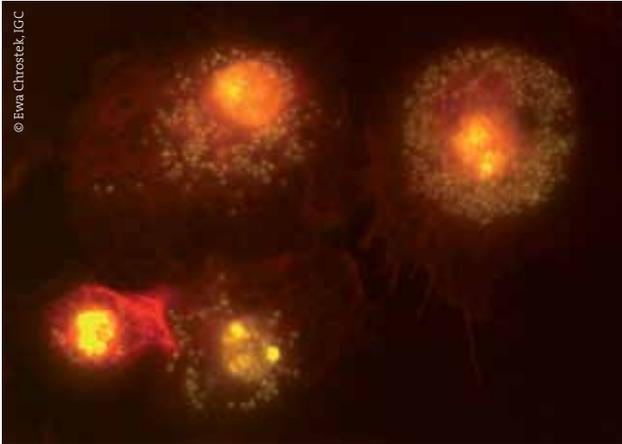


Quem melhor do que os jovens para abordar o problema da diabetes de uma forma original e criativa? Os dez vídeos disponíveis em www.cienciaemcena.pt provam como é possível abordar o problema de forma criativa, numa iniciativa dinamizada pela Maratona da Saúde e pelo Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência – DESCOBRIR, na qual jovens dos 14 aos 18 anos concorreram com vídeos que tinham como tema central a diabetes. O concurso pretendia envolver os jovens e despertar neles o interesse pelo conhecimento científico e pela promoção da saúde e do bem-estar. Afinal, a ciência está repleta de exemplos de investigação, realizados por cientistas e médicos, que trazem esperança à prevenção e à cura de doenças.

Das 344 candidaturas recebidas a concurso, um júri de pré-seleção escolheu os 20 melhores. As formas de comunicação são as mais variadas: teatro, hip hop, *stop-motion*... – a criatividade não faltou à chamada. Os dez vídeos com mais

likes, disponíveis *on-line*, foram apurados para a final, no dia **7 de março**, onde os jovens terão que apresentar os seus projetos ao vivo na Fundação Calouste Gulbenkian, perante um júri composto por Nuno Markl, humorista e argumentista, José Poiães, repórter fotográfico e produtor televisivo, e Elizabeth Silva, responsável pelo sector das Ciências da Comissão Nacional da UNESCO e coordenadora do Fórum Português de Geoparques e da Rede Portuguesa de Reservas da Biosfera da UNESCO. Ainda antes da apresentação ao vivo, os finalistas terão direito a um *workshop* orientado pelo ator e encenador Romeu Costa e pelo cientista David Marçal.

As apresentações que ficarem nos três primeiros lugares receberão um prémio de 500 euros, enquanto o vencedor também ganha a possibilidade de mostrar a sua apresentação criativa sobre a diabetes em direto na RTP, na Gala Maratona da Saúde, no dia 27 de março. ■



Repetição de genes torna as bactérias letais

Num estudo publicado na última edição da revista científica *PLOS Biology*, um grupo de investigação do Instituto Gulbenkian de Ciência, liderado por Luís Teixeira, descobriu que uma única alteração genómica pode tornar uma bactéria benéfica numa bactéria patogénica, ao aumentar a densidade bacteriana dentro do hospedeiro. Ewa Chrostek e Luís Teixeira estudaram a simbiose entre a mosca-da-fruta (*Drosophila melanogaster*) e a bactéria *Wolbachia* para perceber de que forma uma bactéria benéfica se torna patogénica. A *Wolbachia* está presente na maioria das espécies de insetos, protegendo alguns deles contra vírus como o da febre da dengue. Neste estudo, os investigadores compararam variantes de bactérias *Wolbachia* patogénicas e não patogénicas e detetaram que uma região específica do genoma, denominada “Octomom”, surgia repetida, sugerindo poder ser esta a causa genética

responsável pela virulência da bactéria. As bactérias com mais cópias desta região crescem mais rapidamente, atingindo maiores densidades no interior das moscas, o que por um lado confere uma proteção antiviral mais forte às moscas, mas por outro faz com que estas morram mais cedo. Ewa Chrostek, primeira autora do estudo, explica que “o número de cópias de Octomom pode mudar rapidamente, o que significa que as bactérias podem evoluir muito rapidamente e facilmente fugir ao controlo do hospedeiro”. Atualmente, como parte da estratégia para controlar a transmissão da dengue, mosquitos *Aedes aegypti* infetados com *Wolbachia* estão a ser libertados na natureza. Assim, é de extrema importância compreender os mecanismos que controlam a densidade desta bactéria e levam a uma potencial evolução. ■

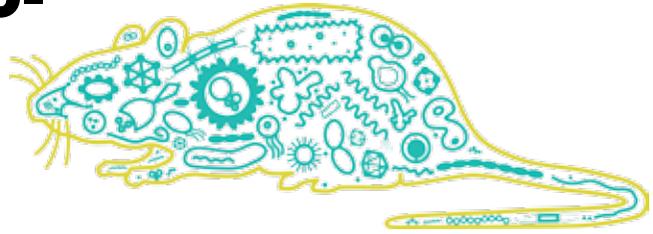
Bolsa ERC para Cientista do IGC

Luís Moita, investigador principal no Instituto Gulbenkian de Ciência, foi premiado com uma bolsa Consolidator (Consolidator Grant) no valor de dois milhões de euros do Conselho Europeu de Investigação (European Research Council, ERC). Este financiamento de cinco anos irá apoiar a investigação de Luís Moita no desenvolvimento de estratégias que visam a proteção de órgãos-alvo e que têm um potencial extraordinário para o tratamento da sépsis. A sépsis é uma condição médica severa ainda pouco compreendida, caracterizada por uma resposta inflamatória sistémica, que resulta em altas taxas de mortalidade e opções terapêuticas limitadas. O objetivo principal deste projeto é “identificar e caracterizar novos mecanismos de proteção das células, com foco na resposta a danos no DNA ativado por uma classe de fármacos usados em quimioterapia,

as antraciclina”. Os resultados deste projeto, “além de poderem ajudar no desenho de terapias inovadoras para a sépsis, podem também ajudar a compreender os mecanismos e processos de vigilância celulares básicos, que têm um papel fundamental na homeostasia do órgão”, diz Luís Moita.

As bolsas ERC Consolidator iniciaram-se em 2013 e têm como objetivo dar apoio a investigadores que estão a consolidar a sua carreira científica independente, em especial grupos de investigação independentes com elevado nível de excelência. Além de Luís Moita, outros quatro investigadores em Portugal receberam bolsas ERC Consolidator: Cristina Silva Pereira (Instituto de Tecnologia Química e Biológica, ITQB), Bruno Silva-Santos, Henrique Veiga-Fernandes e João T. Barata (estes três do Instituto de Medicina Molecular, IMM). ■

Relações hospedeiro- -microrganismo em debate



Milhares de bactérias e outros micróbios habitam o nosso organismo, influenciando várias funções. A comunidade científica tem procurado compreender melhor a complexidade destas interações hospedeiro-microrganismo utilizando o rato como modelo de estudo, entre outros. Nos dias **26 e 27 de março**, realiza-se no Instituto Gulbenkian de Ciência, em Oeiras, um *workshop* que aborda as mais recentes descobertas nesta área, juntando cientistas de todo o mundo. Além das palestras científicas e tecnológi-

cas, os participantes terão ainda a oportunidade de explorar as diversas estratégias experimentais e infraestruturas necessárias à investigação científica nesta área.

O *workshop*, intitulado *Microbiota do rato: controlo genótipo-fenótipo e desafios tecnológicos*, é organizado por Jocelyne Demengeot e Joana Bom, no âmbito do projeto europeu Infrafrontier, e conta com a participação de oradores nacionais e internacionais. ■

www.igc.gulbenkian.pt



Programa de Doutoramento do IGC candidaturas abertas

O Programa de Doutoramento em Biologia Integrativa e Biomedicina (IBB) do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) aceita candidaturas **até 15 de março**. O IBB destina-se a jovens que queiram ingressar numa carreira científica e oferece uma sólida formação em diferentes tópicos de ciências biológicas que refletem a diversidade dos temas de investigação no IGC. Durante um semestre, os alunos frequentam uma série de cursos ministrados por investigadores do Instituto e professores convidados de prestigiadas universidades e institutos de investigação de

todo o mundo. Após concluírem a parte curricular, os alunos definem qual a questão biológica a que pretendem responder e desenham o seu projeto de investigação, com o apoio do investigador do IGC que escolheram para orientador do seu projeto. O IBB admite, por ano, entre nove e 12 alunos, que recebem uma bolsa pelo período de 48 meses. Podem candidatar-se alunos de qualquer nacionalidade, sem restrições de idade e com formação universitária em qualquer área, mesmo fora de Biologia ou Medicina. ■

www.igc.gulbenkian.pt.

O combate às infeções hospitalares

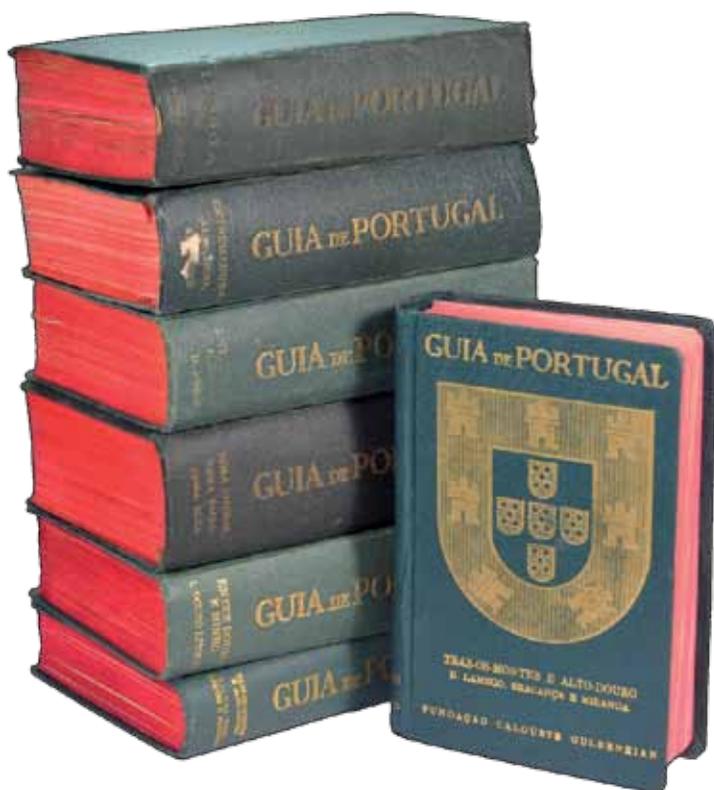
Portugal tem uma das piores taxas da Europa em matéria de infeções hospitalares. Face aos números existentes, o relatório apresentado no ano passado pela Fundação Gulbenkian *Um Futuro para Saúde – todos temos um papel a desempenhar* anunciava o combate a esta realidade e um desafio: demonstrar que, em três anos, um grupo de instituições do Serviço Nacional de Saúde será capaz de reduzir esta taxa a metade e também que o seu trabalho seja o motor para que o projeto se alargue a outras instituições.

No **dia 31 de março**, a Fundação Gulbenkian e o Ministério da Saúde vão oficializar o arranque das várias iniciativas de resposta ao desafio. Depois de apurados por concurso os dez hospitais públicos dispostos a diminuir estes números, a cerimónia do dia 31 estabelecerá os compromissos para os próximos três anos. A plataforma para elaboração deste relatório foi lançada em fevereiro de 2013 pela Fundação Calouste Gulbenkian. Para além de Lord Nigel Crisp (presidente), a comissão que elaborou este relatório foi constituída por Donald Berwick (EUA), Wouter Bos (Holanda), Ilona Kickbusch (Suíça), João Lobo Antunes, Pedro Pita Barros e Jorge Soares. ■

Fundação Gulbenkian em direto

A plataforma Livestream, a que a Fundação Calouste Gulbenkian aderiu em outubro de 2011, encontra-se agora disponível num novo formato mais rápido e versátil. Através desta rede social, os públicos que não podem estar presentes nas conferências que decorrem na Fundação têm a oportunidade de assistir aos eventos em direto, consultar acontecimentos anteriores em diferido no histórico, receber notificações no calendário e deixar os seus comentários e opiniões.

O acesso ao *Livestream* pode fazer-se através de computadores ou da aplicação gratuita, com o mesmo nome, para *tablets* e *smartphones*. Conheça o nosso canal em live.gulbenkian.pt. ■



Guia de Portugal em edição digital

O clássico Guia de Portugal, dividido em oito volumes, estará disponível em versão digital a partir do dia **11 de março**. A Fundação Gulbenkian apresenta neste dia os primeiros *ebooks* com a chancela do Plano de Edições Gulbenkian, numa sessão no Auditório 3, às 17h, que contará com a presença, entre outros, de José Afonso Furtado, antigo diretor da Biblioteca de Arte, e de Manuel Carmelo Rosa, diretor do Programa Gulbenkian Qualificação das Novas Gerações, responsável pelas edições da Fundação. O Guia será a primeira de uma longa lista de edições que a Fundação começará a disponibilizar para leitura em *tablets* e outros dispositivos móveis digitais e que poderão ser compradas a partir de março no [site www.gulbenkian.pt](http://www.gulbenkian.pt). ■



Os dez finalistas © Márcia Lessa

Dá Voz à Letra – os vencedores

Num espetáculo em que a palavra escrita foi lida em voz alta, os dez jovens dos 13 aos 17 anos, finalistas do concurso Dá Voz à Letra, mostraram como os livros nos fazem viajar e nos transportam para outros mundos. Durante 45 minutos, foram lidos e interpretados textos de Fernando Pessoa, Alberto Pimenta, José Luís Peixoto, Mário Cesariny e muitos outros, num espetáculo concebido pelo encenador Carlos Pimenta, com guião de Helena Vasconcelos. No final, a decisão mais difícil coube ao júri composto por Catarina Furtado, David Machado e Albano Jerónimo, que escolheu António Miguel Gonçalves, Maria Adelaide Casquinha e Daniel Joaquim para os três primeiros lugares.

O concurso organizado pelo Programa Gulbenkian de Língua e Cultura Portuguesas pretendia estimular o gosto pela leitura nos jovens. ■



Maria Adelaide Casquinha, António Miguel Gonçalves e Daniel Joaquim © Márcia Lessa

Fundação Gulbenkian no Indoor Maps

A Fundação Calouste Gulbenkian é um dos 49 locais nacionais a dispor do Indoor Maps, uma funcionalidade integrada no Google Maps que permite aos utilizadores visualizarem mapas interiores detalhados, encontrarem pontos de interesse no interior e obterem informação relevante e útil.

Sempre que disponíveis, os mapas interiores são automaticamente apresentados no telemóvel quando um utilizador faz a ampliação de um local no Google Maps. Além da navegação, permitem ainda a identificação de pontos de interesse específicos. Sempre que um edifício tiver mais de um piso, o utilizador pode seleccionar o andar bastando clicar no número do piso a que pretende aceder.

Atualmente, estão disponíveis mais de três mil milhões de metros quadrados de plantas em todo o mundo. Acessível através de qualquer *smartphone*, o Indoor Maps está disponível em mais de 20 países, incluindo Estados Unidos, Japão, Canadá, Brasil, Reino Unido, Austrália e, agora, Portugal. ■





César Rina Simón | 28 anos | História *

“Seria ótimo continuar a trabalhar em Lisboa”

César Rina Simón nasceu em Cáceres e licenciou-se em História na Universidade da Extremadura. Foi professor de História Contemporânea na Universidade de Navarra, altura em que publicou um livro sobre a construção da memória franquista em Cáceres. Ao longo da sua carreira escreveu vários artigos para livros e revistas científicas e participou em quase uma dezena de conferências. Recebeu a Bolsa de Estudo da Fundação Calouste Gulbenkian em setembro de 2014 para apoiar o seu doutoramento sobre a nacionalização do espaço ibérico.

COMO SURTIU O INTERESSE PELAS RELAÇÕES ENTRE PORTUGAL E ESPANHA?

Nasci em Cáceres, uma cidade com muitas memórias transfronteiriças. Na minha família há experiências de contrabando na raia e de línguas chamadas “de transição”. Tudo isto conforma um *corpus* vivencial que me levou a interessar-me pela História de Portugal. Para além disso, estudei Português na escola secundária e sempre que tinha oportunidade, atravessava a fronteira de carro. Passados uns anos, o meu orientador, o professor da Universidade de

Navarra Francisco Javier Caspistegui, sugeriu-me estudar o iberismo. Eu tinha vontade de investigar o desenvolvimento das identidades no século XIX. Neste sentido, a alteração de Portugal e Espanha foi uma ótima sugestão.

O QUE O LEVOU A ESCOLHER PORTUGAL PARA O DOUTORAMENTO?

Para o meu doutoramento era preciso ter a perspetiva portuguesa de questões tão relevantes como o espaço e o tempo partilhado na Península. Não só a bibliografia e a



Lisboa

documentação nos arquivos, mas também era fundamental conhecer a idiossincrasia do país, os imaginários sociais e as memórias nacionais. Em Lisboa, conto com a inestimável colaboração do professor Sérgio Campos Matos, um dos principais intelectuais que se debruçaram sobre as relações peninsulares.

TEM LIVROS E ARTIGOS CIENTÍFICOS PUBLICADOS E GANHOU ALGUNS PRÉMIOS. DE QUE FORMA ESTE RECONHECIMENTO CONTRIBUI PARA A CONTINUIDADE DO SEU TRABALHO?

Estes reconhecimentos são fundamentais na minha trajetória científica, e fico muito agradecido às instituições e ao júri. Primeiro, pela ajuda económica num momento em que vivemos tempos difíceis para a investigação no campo das ciências humanas. Mas também pelo reconhecimento do trabalho bem feito. No entanto, os prémios são também uma chamada de atenção para continuar e manter o nível. Este aspeto faz com estes prémios sejam mais uma responsabilidade do que propriamente um prazer.

COMO É VIVER EM LISBOA?

Lisboa é a cidade mais bonita da Europa. É a mistura perfeita entre uma cidade globalizada, capital europeia e atlântica, e uma aldeia do Alentejo. É possível ter acesso ao cosmopolitismo ou optar por viver a um ritmo lento. Os tópicos são reais: a luz, as colinas, os azulejos, a decadência. Mas também tem desafios importantes para o futuro: a invasão do turismo, a desigualdade e ainda a mesma decadência.

O QUE PRETENDE FAZER DEPOIS DO DOUTORAMENTO?

A minha ideia é viajar durante uns meses e ler romances e poemas que ficaram para trás durante a investigação. Descansar. Após a pausa, o objetivo é continuar o trabalho sobre os imaginários históricos e geográficos das identidades peninsulares. Seria ótimo receber uma bolsa de pós-doutoramento e poder continuar a trabalhar em Lisboa. ■

* *Bolsa de Investigação para Estrangeiros – Doutoramento em História, de setembro de 2014 a junho de 2015.*



em março

P'ra Rir! (outra vez)



The Music Box, de James Parrott, 1932

A segunda parte do ciclo de cinema no Grande Auditório revisita realizadores e atores que marcaram a história do cinema – Ernst Lubitsch, Charlie Chaplin, Billy Wilder, Stanley Kubrick ou Peter Sellers –, destacando também cinematografias, a italiana e a portuguesa, além de gêneros como o musical. O ponto de partida será o mesmo: a revisitação da herança burlesca e do papel fundamental que esta desempenhou na consagração do riso como uma das primeiras emoções do cinema. João Mário Grilo é o programador convidado.

A HERANÇA BURLESCA: LLOYD, KEATON, LAUREL & HARDY

7 MARÇO, 15H

O Homem Mosca (*Safety Last!*) 1923

Realização: Fred Newmeyer, Sam Taylor; *Produção:* Hal Roach; *Interpretação:* Harold Lloyd, Mildred Davis, Bill Strother, Noah Young; *Duração:* 70 minutos

Este filme é uma parábola de um rapaz de província (Harold Lloyd) que, chegado à grande metrópole, procura enriquecer e subir depressa na vida, de forma a conquistar o coração da sua namorada (Mildred Davis). Trata-se de um filme saturado de figuras simbólicas e servido por um esquema dramático que vai pondo a nu os modos de construção da sociedade americana no apogeu do modernismo e no afã da correria louca que, seis anos depois, a haveria de precipitar na depressão e no *crash* financeiro.

Na sequência mais espetacular do filme, o rapaz escala um arranha-céus no centro de Los Angeles, o International Bank Building, e, chegado ao topo do prédio (da cidade ou

do capitalismo), beija, vitorioso, a rapariga. Por meio de um trabalho esmerado de câmara e de planificação, a reconstrução visual da escalada é fruto apenas da montagem, sem recurso a qualquer trucagem visual. Para além da figura de Lloyd, é importante destacar o papel de Hal Roach, seu amigo e um extraordinário produtor de comédias curtas, responsável pelo sucesso da dupla Laurel & Hardy, como veremos na sessão seguinte.

7 MARÇO, 17H

Caixa de Música (*The Music Box*), 1932

Realização: James Parrott; *Produção:* Hal Roach; *Argumento:* Stan Laurel, H. M. Walker; *Interpretação:* Stan Laurel, Oliver Hardy, Dinah, Gladys Dale, Billy Gilbert, William Gillepsie; *Duração:* 29 minutos

Bicho Carpinteiro (*Busy Bodies*), 1933

Realização: Lloyd French; *Produção:* Hal Roach; *Argumento:* Stan Laurel; *Interpretação:* Stan Laurel, Oliver Hardy, Dick Gilbert, Charlie Hall, Jack Hill, Tiny Sandford, Charley Young; *Duração:* 19 minutos

Filme produzido em 1931 por Hal Roach (o “terceiro” elemento da dupla Laurel & Hardy), *The Music Box* resume-se a dois episódios: primeiro, a difícil subida de uma longa e íngreme escadaria, por onde Stan e Ollie têm que transportar uma pesada pianola mecânica e, depois, a instalação do instrumento numa típica moradia de Los Angeles, na verdade, até, a própria residência de Hal Roach. Como sempre acontece nos filmes da dupla, o enredo é marcado pelo selo do sofrimento, da punição e, finalmente, da destruição catártica. Não só a subida da escadaria se revelará um tor-

mentoso pesadelo como será catastrófica a chegada ao destino, tudo acabando na destruição do piano a golpes de machado pelo colérico Professor von Schwarzenhoffen.

7 MARÇO, 17H

O Navegante (*The Navigator*), 1924

Realização: Buster Keaton, Donald Crisp; *Produção:* Buster Keaton, Joseph Schenck; *Argumento:* Clyde Bruckman, Joseph Mitchell, Jean Havez; *Interpretação:* Buster Keaton, Kathryn McGuire, Frederick Vroom, Clarence Burton, H. N. Clugston, Noble Johnson; *Duração:* 59 minutos

The Navigator conta a história improvável do aprisionamento de um casal de milionários (Rollo Treadway/Buster Keaton e Betsy O'Brien/Kathryn McGuire) num paquete à deriva, desde um porto da Califórnia até uma ilha dos Mares do Sul que é, por coincidência, o *habitat* de uma tribo canibal. O filme narra as aventuras e desventuras destes dois personagens absolutamente desqualificados para lidar com os problemas básicos da sua subsistência (e, até, da sua sobrevivência), num barco preparado para albergar centenas de passageiros e onde, por exemplo, cozer um ovo é um problema porque os meios ao dispor estão dimensionados para cozer ovos para centenas de passageiros.

The Navigator foi o maior sucesso da carreira de Keaton, sendo apontado pelos exibidores americanos da altura como “um divertimento garantido e sem mácula”. O próprio Keaton considerava-o – juntamente com *The General*, que veremos, em seguida – um dos seus filmes favoritos.

7 MARÇO, 21H30

O General (*The General*), 1926

Realização: Buster Keaton, Clyde Bruckman; *Produção:* Buster Keaton, Joseph Schenck; *Argumento:* Buster Keaton, Clyde Bruckman, Al Boasberg, Charles Smith (adaptação de *Daring and Suffering: A History of the Great Railroad Adventure*, de William Pittenger); *Interpretação:* Buster Keaton, Marion Mack, Glen Cavender, Jim Farley, Frederick Vroom, Charles Henry Smith, Frank Barnes, Joe Keaton, Sherman Kell; *Duração:* 80 minutos

Dois anos depois do sucesso de *The Navigator*, Keaton dá início à rodagem da superprodução *The General*, a sua obra-prima e, seguramente, um dos mais perfeitos filmes da história do cinema. *The General* – nome da locomotiva que é coprotagonista do filme – é uma adaptação de um célebre episódio da Guerra Civil Americana, ocorrido em 1862 – “The Great Locomotive Chase” –, no qual o espião unionista James Andrews entrou em território confederado, acompanhado por um pequeno batalhão de soldados, para roubar uma locomotiva da Western & Atlantic Railroad e com ela fugir para dentro das linhas da União, destruindo tudo pelo caminho. Ao dar pelo “rapto” da “sua”



The Navigator, de Buster Keaton e Donald Crisp, 1924

locomotiva, o maquinista William Fuller (que no filme toma o nome de Johnnie Gray/Buster Keaton) parte no seu encaço, utilizando para isso uma outra locomotiva – *Texas*, de seu nome – e acabando por conduzir à captura dos fugitivos (alguns seriam enforcados) e à recuperação do comboio.

HERR LUBITSCH

8 DE MARÇO, 15H

Ladrão de Alcova (*Trouble in Paradise*), 1932

Realização e Produção: Ernst Lubitsch; *Argumento:* Samson Raphaelson, Grover Jones (adaptação da peça “The Honest Finder”, de Laszlo Aladar); *Interpretação:* Miriam Hopkins, Kay Francis, Herbert Marshall, Edward Everett Horton, Charlie Ruggles, C. Aubrey Smith, Robert Greig; *Duração:* 83 minutos

Como na maior parte dos filmes de Lubitsch – como já vimos, em janeiro passado, em *Uma Mulher para Dois* –, também a base narrativa de *Trouble in Paradise* é muito simples, concentrada igualmente num triângulo de protagonistas. Neste caso, um homem – o escroque internacional Gaston Monescu (Herbert Marshall) – e duas mulheres: Lily (Miriam Hopkins), a sua cúmplice, e Marianne Colet

(Kay Francis), uma rica herdeira parisiense de uma firma de perfumes (Colet & Company) que se apaixonou por Gaston, quase arruinando a fortuna e a reputação da herança familiar, cujos negócios, aliás, confessa, “aborrecerem-na” infinitamente.

O essencial deste filme é o que está para além do seu programa dramático: a forma como as personagens vão ganhando vida, alma, personalidade e naturezas distintas ao longo do filme. A tal ponto este movimento se torna imprevisível que é difícil apostar, nas últimas sequências de *Trouble in Paradise*, qual será o desenlace do filme, já que todas as possibilidades parecem estar, realmente, em aberto. Juntamente com *Ninotchka*, *Trouble in Paradise* era um dos filmes favoritos de Lubitsch.

8 DE MARÇO, 17H

Ninotchka, 1939

Realização e Produção: Ernst Lubitsch; *Argumento:* Charles Brackett, Billy Wilder, Walter Reisch, Melchior Lengyel; *Interpretação:* Greta Garbo, Melvyn Douglas, Ina Claire, Bela Lugosi, Sig Rumann, Felix Bressart, Alexander Granach, Gregory Gaye; *Duração:* 110 minutos

Rezam as crónicas que a origem deste filme começou pela manifestação de interesse da Metro-Goldwyn-Mayer em produzir uma comédia com Greta Garbo, um filme no qual ela risse. Daí até ao encontro da diva sueca com Lubitsch, para oito semanas de rotação, tão prodigiosas quanto tormentosas, foi cumprida uma pequena odisseia, que teve o seu início numa proposta do argumentista Melchior Lengyel, para visitar a comédia *Tovarich*, realizada, uma década antes, por Anatole Litvak. O resumo que Lengyel apresentou (e que lhe renderia 15 mil dólares) dizia o seguinte: “Jovem russa, saturada de ideais bolcheviques, parte para a temerosa, capitalista e monopolista Paris. Aí, descobre o romance e o amor e vive uma tempestuosa aventura. Afinal, o capitalismo não parece ser tão mau como o pintam.”

E para lembrar o filme inicial deste ciclo, será em *Ninotchka*, muito provavelmente, que está a pensar Veronica Lake em *Sullivan's Travels*, quando diz a John Sullivan que Lubitsch “é o maior cineasta americano”. Afinal, o filme de Sturges foi filmado um ano depois e só Lubitsch poderia incendiar Greta Garbo desta maneira.

8 DE MARÇO, 21H30

Ser ou Não Ser (*To Be or Not to Be*), 1942

Realização e Produção: Ernst Lubitsch; *Argumento:* Melchior Lengyel (adaptação da peça homónima de Edwin Justus Mayer), Paul D. Zimmerman; *Interpretação:* Carole Lombard, Jack Benny, Robert Stack, Felix Bressart, Lionel Atwill, Stanley Ridges, Sig Ruman, Tom Dugan; *Duração:* 99 minutos



Ninotchka, de Ernst Lubitsch, 1939

Entre 1939 e 1941, Lubitsch realizou dois filmes diretamente inspirados em contextos da máxima relevância histórica para o século XX: os meandros da política internacional, em especial as relações com o “fantasma comunista”, em *Ninotchka*, e a II Guerra Mundial, em particular a monstruosidade da “máquina nazi”, em *To Be or Not to Be*.

Neste último filme, o teatro assume um lugar de destaque, mais propriamente, a teatralização da vida como forma de poder (as obsessões ostentatórias do poder nazi), mas também como forma de resistência. Veja-se, por exemplo, a esta luz, o início do filme: numa rua de Varsóvia surge sozinho, e para espanto dos transeuntes, Adolf Hitler. Adiante perceberemos, entretanto, que não estamos numa cena real, mas no ensaio de uma peça de teatro antinazi posta em cena por uma companhia polaca, dirigida pelo casal de atores Maria (Carole Lombard) e Joseph Tura (surpreendente Jack Benny).

CHAPLINIANA

21 DE MARÇO, 15H

Luzes da Cidade (*City Lights*), 1931

Realização, Produção e Argumento: Charles Chaplin; *Interpretação:* Charles Chaplin, Virginia Cherrill, Florence Lee, Harry Myers, Allan Garcia, Hank Mann; *Duração:* 87 minutos

City Lights – “romance cômico em pantomima”, como diz o genérico – é considerado, por muitos, a obra-prima de Chaplin e o filme que melhor simboliza a grandeza da sua obra. Foram três anos de produção e 534 dias para filmar esta história de uma florista cega que um dia se cruza com um vagabundo, o qual, apaixonando-se por ela, promete a si próprio tudo fazer para lhe restituir a alegria. O filme surge como a luta desesperada de uma figura burlesca para criar um *happy end* improvável a uma tragédia, sendo, por isso mesmo, uma meditação extraordinária sobre os fundamentos e recursos do cinema, enquanto dispositivo de recuperação da vida e da felicidade.

Chaplin cruza as várias portas dos gêneros e formas do cinema, à procura de uma emoção autêntica e primordial, capaz de representar a dimensão total e incondicional do seu amor.

21 DE MARÇO, 17H

Tempos Modernos (*Modern Times*), 1936

Realização, Produção e Argumento: Charles Chaplin;

Interpretação: Charles Chaplin, Paulette Goddard, Henry Bergman, Chester Conklin, Stanley Sandford, Hank Mann, Stanley Blystone, Allan Garcia, Dick Alexander;

Duração: 87 minutos

Como o seu título anuncia, o projeto de *Tempos Modernos* parece gigantesco: traçar uma perspectiva das brutais condições da sociedade capitalista dos anos 30, mas sem perder de vista o seu profundo ancoramento na realidade e no quotidiano de personagens tangíveis: neste caso, do Operário (Chaplin) e da Rapariga (Paulette Goddard). O filme articula, na mesma proporção, a escala do indivíduo e a dimensão avassaladora das massas e dos vários sistemas que as submetem: da fábrica, com a irracionalidade dos seus métodos de produção em série, ao hospital e à polícia. No centro de todo este sistema está a máquina, a sua autonomia e o modo como ela se posiciona, hegemonicamente, como a alteridade absoluta do indivíduo e como princípio da sua efetiva alienação. *Tempos Modernos* é um grito de revolta contra a inscrição da máquina na biologia do homem, tornando-o um escravo biomecânico da indústria, e submetendo-o à cadência e repetição do ritmo das máquinas e à dimensão desumana da cadeia industrial de produção.

21 DE MARÇO, 21H30

O Grande Ditador (*The Great Dictator*), 1940

Realização, Produção e Argumento: Charles Chaplin;

Interpretação: Charles Chaplin, Paulette Goddard, Jack Oakie, Reginald Gardner, Henry Daniell, Billy Gilbert, Maurice Moscovitch, Emma Dunn, Bernard Corcey,

Paul Weigel; *Duração:* 125 minutos

Com a escolha de *O Grande Ditador*, quis-se favorecer a interessante comparação com *To Be or Not to Be*, o filme que



Modern Times, de Charles Chaplin, 1936

encerrou o anterior programa dedicado a Ernst Lubitsch. Ambos os filmes tomam por objeto central a figura de Adolf Hitler (explorando, satiricamente a visualidade do ditador), mas também surgem marcados pela figura do duplo, seguindo, porém, estratégias narrativas e visuais distintas.

O filme de Chaplin assenta nas pareências fisionômicas – em particular, o famoso bigode, cuja ideia Chaplin acusava Hitler de lhe ter roubado – entre Hitler (no filme, Adenoid Hynkel, ditador da Tomania) e Chaplin, que, no filme, desempenha o “outro” papel de humilde e discreto barbeiro no *ghetto* judeu da capital. A eficácia de *O Grande Ditador* assenta na franqueza “burlesca” das personagens e no efeito “arcaico” e imediatista do cinema, o que torna por isso o filme totalmente dependente da figura do seu criador e intérprete e, portanto, absolutamente “inimitável”. ■

PRÓXIMO PROGRAMA: 18 DE ABRIL

“Billy Wilder: A América de Pernas para o Ar”

O Pecado Mora ao Lado (*The Seven Year Itch*),

de Billy Wilder

com: Marilyn Monroe, Tom Ewell, Evelyn Keyes

Quanto Mais Quente Melhor (*Some Like It Hot*),

de Billy Wilder

com: Marilyn Monroe, Tony Curtis, Jack Lemmon

O Apartamento (*The Apartment*),

de Billy Wilder

com: Jack Lemmon, Shirley MacLaine, Fred MacMurray



Aspeto da exposição @ Paulo Costa

Bernard Frize

Isto É Uma Ponte

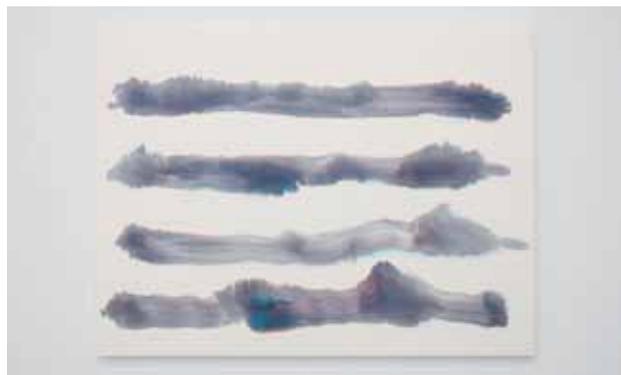
Primera exposição em Portugal de um dos mais destacados pintores franceses da atualidade, distinguido este ano com o prémio da Academia das Artes de Berlim. Através de uma linguagem singular e de um vocabulário preciso, simultaneamente enigmático e atraente aos sentidos, esta exposição estabelece uma ponte entre a abstração e a figuração, a natureza e a cultura, a fotografia e a pintura. ■



VOLLU, 2009 © Markus Wörgötter

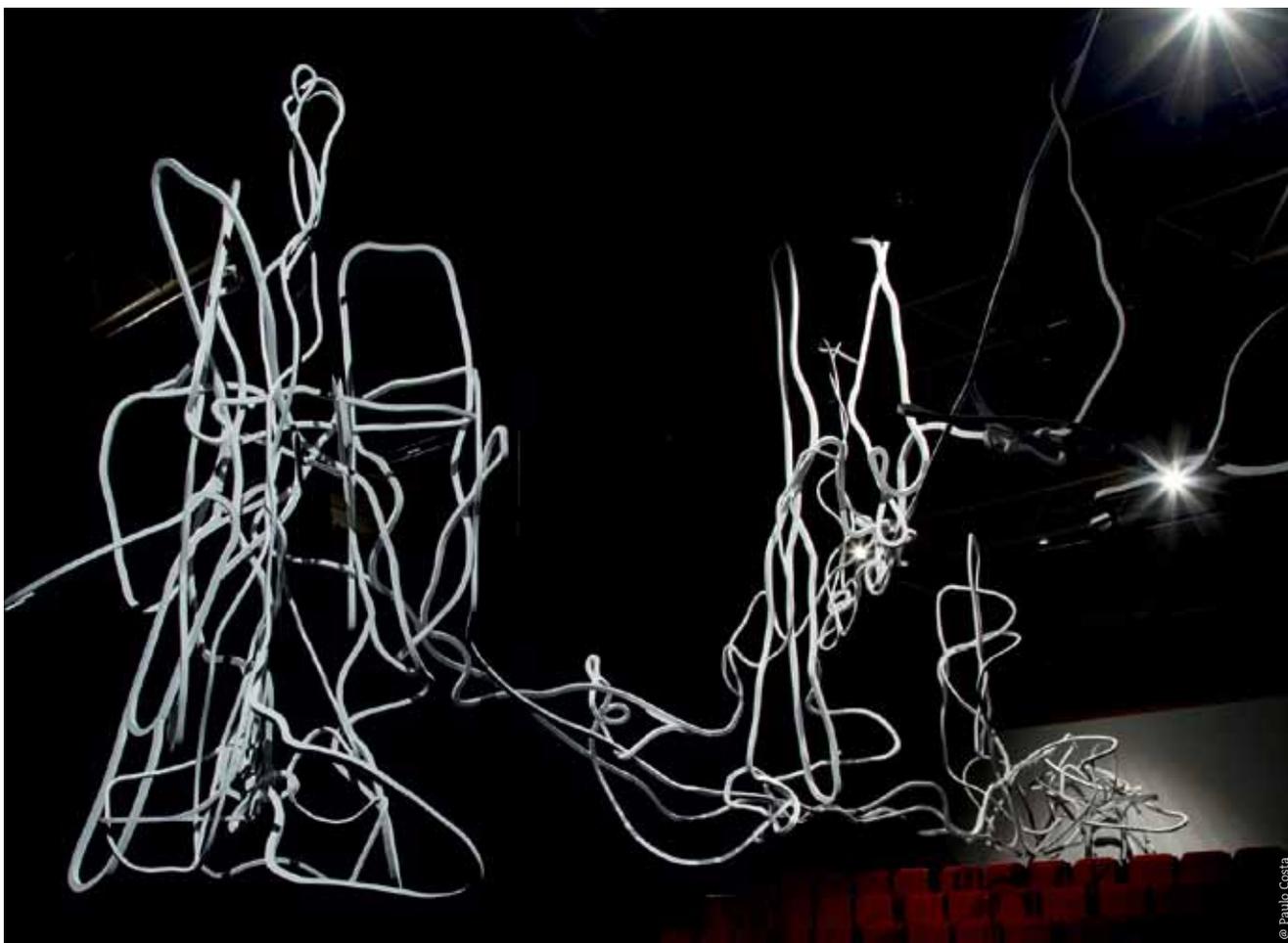


Shoso, 2003 © André Morin



Car, 2011 © Courtesy Galeria Micheline Szwajcer

Bernard Frize
Isto é uma Ponte
 Curadoria: Isabel Carlos
 CAM – ATÉ 31 MAIO



© Paulo Costa

Miguel Ângelo Rocha

Antes e depois

Instalação inédita especialmente concebida para a Sala de Exposições Temporárias e para a Sala Polivalente do CAM. A obra, de grandes dimensões, não se dá a ver de uma só vez em cada uma das duas salas, convidando o visitante à descoberta. Elemento importante deste trabalho é a atmosfera sonora criada pelos músicos Pedro Moreira, José Luís Ferreira e André Fernandes, cuja duração coincide com o tempo da própria exposição. ■

Miguel Ângelo Rocha
Antes e depois
Curadoria: Nuno Crespo
CAM – ATÉ 31 MAIO



© Paulo Costa



José Medeiros, Pedra da Gávea, o morro dos Dois Irmãos e as praias de Ipanema e do Leblon, Rio de Janeiro, 1952 © IMS

Modernidades

Fotografia Brasileira (1940-1964)

Exposição que explora o trabalho de quatro grandes nomes da fotografia moderna no Brasil: Marcel Gautherot, José Medeiros, Thomaz Farkas e Hans Gunter Flieg. Quatro olhares diversos mas complementares, que documentam duas décadas de cultura brasileira, no período entre a II Guerra Mundial e a instauração da ditadura militar no país.

Uma coprodução do Próximo Futuro com o Instituto Moreira Salles (Rio de Janeiro e São Paulo). Em maio, a expo-



José Medeiros, Carnaval na Boate Au bon Gourmet, Rio de Janeiro, 1952 © IMS

sição viaja para Paris, onde será apresentada na Delegação em França da Fundação Calouste Gulbenkian. ■

Modernidades: Fotografia Brasileira (1940-1964)

Curadoria: Samuel Titan Jr., Ludger Derenthal e António Pinto Ribeiro

GALERIA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS | EDIFÍCIO SEDE | PISO -1
ATÉ 19 ABRIL

Uma Biblioteca Humanista

Os objetos procuram aqueles que os amam

Exposição que dá a ver um valioso conjunto de livros pertencentes a uma das mais importantes bibliotecas particulares especializadas de que há notícia, a de José de Pina Martins (1920-2010).

Esta biblioteca inclui grandes temas e autores do humanismo cristão do Renascimento, muitas em latim e grego, algumas demasiado raras para poderem ser manuseadas. José de Pina Martins foi diretor do Centro Cultural Calouste Gulbenkian de Paris e ainda do Serviço de Educação da

Fundação Gulbenkian, tendo, entre outros cargos, presidido à Academia das Ciências de Lisboa. ■

Uma Biblioteca Humanista

Os objetos procuram aqueles que os amam

Curadoria: Vanda Anastácio

GALERIA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS DO MUSEU GULBENKIAN
ATÉ 26 MAIO



Orquestra Juvenil Gustav Mahler oito portugueses entre os 127 músicos

Um dos momentos mais aguardados da programação da Gulbenkian Música é o regresso da Orquestra Juvenil Gustav Mahler, este ano com oito portugueses entre os 127 instrumentistas, o que representa um recorde absoluto de presenças nacionais nesta formação composta por jovens músicos europeus.

Os músicos portugueses foram escolhidos entre cerca de 1600 candidatos avaliados por um júri que percorreu 22 cidades da Europa. São eles Daniel Casal Mota e Virgílio Oliveira (fagote), Pedro Pereira Fernandes (trompa), Pedro Freire (trompete), João Martinho (trombone), Renato Peneda (percussão), Isolda Lidegran (violino) e Tiago Carneiro Rocha (contrabaixo). Dois destes músicos são atuais bolsheiros da Fundação (Daniel Casal Mota e João Martinho). Virgílio Oliveira foi antigo bolsheiro da Fundação e obteve o Prémio Jovens Músicos em 2012. Tal como em anos anteriores, a Orquestra vai estabelecer residência na Fundação Gulbenkian, ao longo de cerca de duas semanas, cumprindo um intensivo programa de ensaios antes dar início aos concertos previstos na sua habitual digressão de Páscoa.

O britânico **Jonathan Nott** é o maestro principal convidado para a digressão de Páscoa 2015. Nott, que já acompanhou a Gustav Mahler em 2009, está atualmente vinculado à

Orquestra Sinfónica de Bamberg, é diretor musical da Orquestra Sinfónica de Tóquio e foi recentemente apontado como futuro diretor artístico da Orquestra de la Suisse Romande. Com este maestro, a Orquestra dará a ouvir, em Lisboa, e pela primeira vez na sua história, a segunda sinfonia de Mahler (*Ressurreição*) no dia **4 de abril às 21h**, com o soprano **Chen Reiss** e o contralto **Christa Meyer** e com a participação do **Coro Gulbenkian**.

Já os restantes concertos serão dirigidos por **Leo McFall**, maestro assistente da Orquestra, o primeiro no **dia 28 março às 19h** com obras de Webern (*Lagsamer Satz* num arranjo para trombones), Béla Bartók (*Divertimento para Cordas*) e Antonín Dvořák (*Serenata para Sopros*, em Ré menor, op. 44 e *Sinfonia n.º 8*, em Sol maior, op. 88). O segundo concerto terá lugar no dia **31 março, às 21h** com obras de Prokofiev (uma seleção das suites de *Romeu e Julieta*) e Béla Bartók (a ópera, em versão de concerto, *O Castelo do Barba Azul*). Esta última obra conta com a participação da meio-soprano **Elena Zhidkova** e do baixo **Gábor Bretz**. O papel de narradora está a cargo da atriz Sofia Sá da Bandeira.

Este ano, na sua digressão de Páscoa, para além dos três concertos a realizar em Lisboa, no Grande Auditório da Fundação, a Orquestra tocará em cidades como Viena, Hamburgo, Madrid, Barcelona, Ljubljana e Aix-en-Provence.



Michel Corboz a dirigir © Márcia Lessa

Criada, em 1986, por Claudio Abbado, em Viena, e inicialmente formada por jovens músicos austríacos, a Orquestra Juvenil Gustav Mahler alargou-se, em 1992, a músicos de toda a Europa, contando hoje com o alto patrocínio do Conselho da Europa. Uma das características desta Orquestra é o facto de se renovar sazonalmente, não estabelecendo vínculos definitivos com os músicos. Os seus membros são escolhidos a partir de audições que se realizam uma vez por ano em várias cidades europeias, formando elencos sempre distintos que mantêm, no entanto, em comum uma insuperável qualidade.

CONCERTO DE PÁSCOA

A Páscoa terá as habituais celebrações sob a batuta de **Michel Corboz**, maestro titular do Coro Gulbenkian. Os concertos alusivos à quadra (**19 março, 21h** e **20 março, 19h**) darão a ouvir obras de Johann Sebastian Bach (Tocata e Fuga em Ré menor, BWV 565, Missa em Sol menor, BWV 235 e *Lobet dem Herrn alle Heiden*, BWV 230) e ainda de Georg Friedrich Handel (*Dixit Dominus*, HWV 232).

A Orquestra Divino Sospiro junta-se ao Coro e Orquestra Gulbenkian para interpretar estas obras-primas da música sacra barroca com a atuação dos solistas **Ana Quintans** (soprano), **Terry Wey** (contratenor), **Tilman Lichdi** (tenor) e **Christian Immler** (baixo); **Marcelo Giannini** é o organista convidado. ■

Outros concertos

12, QUINTA, 21H | 13, SEXTA, 19H | GRANDE AUDITÓRIO
ORQUESTRA GULBENKIAN

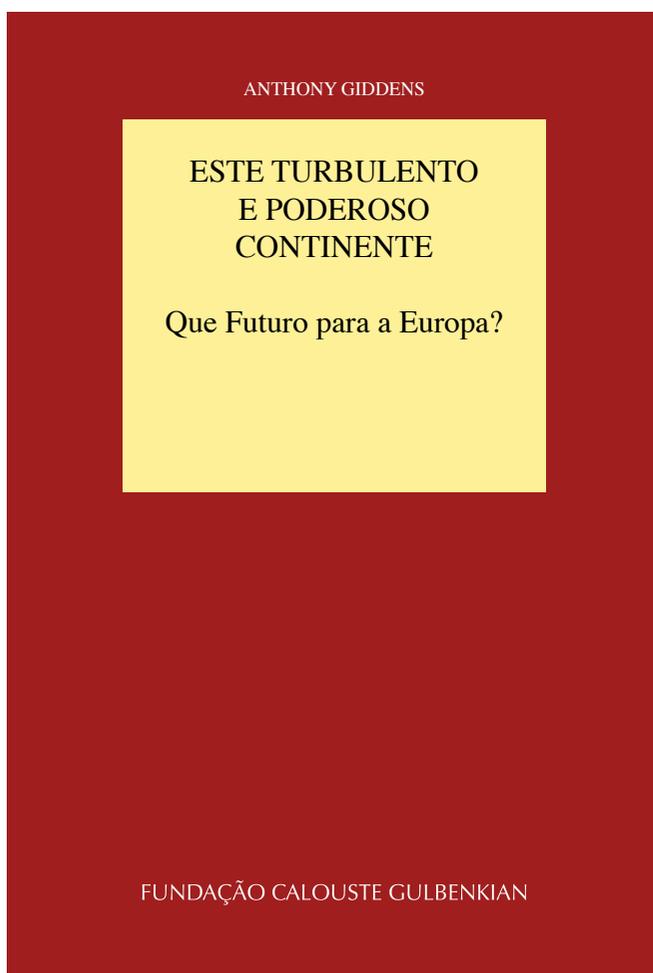
Pedro Neves *maestro* | Amjad Ali Khan *sarod*
Amjad Ali Khan – *Samaagan*, concerto para sarod e orquestra | Nikolai Rimsky-Korsakov – *Scheherazade*, op. 35

22, DOMINGO, 19H | GRANDE AUDITÓRIO
CICLO DE PIANO: GRIGORY SOKOLOV

Johann Sebastian Bach – Partita n.º 1, em Si bemol maior, BWV 825 | Ludwig van Beethoven – Sonata para Piano n.º 7, em Ré maior, op. 10 n.º 3 | Franz Schubert – Sonata para Piano em Lá menor, D. 784 / Moments musicaux, D. 780

24 TERÇA, 19H | GRANDE AUDITÓRIO
CICLO DE PIANO: ANDRÁS SCHIFF

Joseph Haydn – Sonata n.º 62, em Mi bemol maior, Hob.XVI:52 | Ludwig van Beethoven – Sonata n.º 32, em Dó menor, op. 111 | Wolfgang Amadeus Mozart – Sonata n.º 18, em Ré Maior, K. 576 | Franz Schubert – Sonata em Si bemol maior, D. 960



Uma saída para a Europa

Em setembro de 1946, Winston Churchill proferiu um discurso na Universidade de Zurique, a propósito da tragédia que se vivia então na Europa, afirmando que o “remédio milagroso” para transformar os “negros horizontes” num futuro de “paz, segurança e liberdade” seria a construção de “uma espécie de Estados Unidos da Europa”. E adiantava: “Se nós, os britânicos, temos a nossa comunidade de nações, a Commonwealth, [...] porque não há de haver um grupo europeu que possa dar um sentimento de patriotismo lato e de cidadania comum aos povos desatentos deste **turbulento e poderoso continente**? E porque não há de ocupar ele a sua posição de pleno direito ao lado de outros grandes grupos e ajudar a construir os destinos dos homens? [...] Por isso, digo, deixem a Europa erguer-se!”

Este livro agora editado na série Manuais Universitários da Fundação Gulbenkian, da autoria de Anthony Giddens, foi buscar o título à expressão utilizada por Churchill para definir a Europa – *Este Turbulento e Poderoso Continente* –, acrescentando um subtítulo interrogativo: *Que Futuro para a Europa?* Giddens, antigo diretor da London School of Economics and Political Science e autor de uma vasta obra no campo da sociologia e da teoria social, apresenta uma reflexão sobre a Europa de hoje (menos poderosa e mais turbulenta), fragilizada por uma grave crise económica e social e uma avassaladora taxa de desemprego. Apontando o dedo à União Europeia, que acusa de padecer simultaneamente de falta de democracia e de liderança efetiva, e incapaz de despertar o patriotismo alargado de que Churchill falava, o sociólogo defende ser possível uma verdadeira comunidade unida por laços de solidariedade, sentimentos de pertença e responsabilidades por igual entre as economias mais ricas e mais pobres.

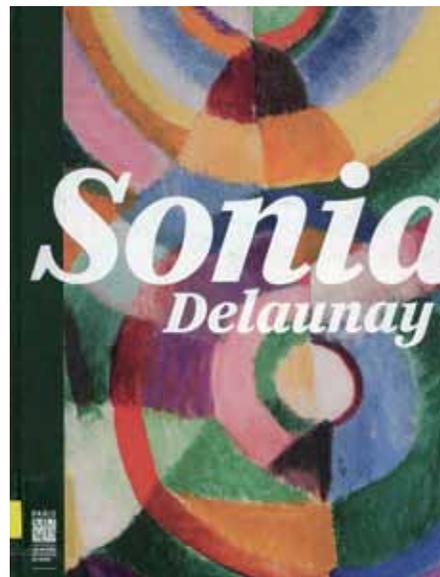
Pró-europeu convicto, o autor afirma ter chegado a altura de pensarmos de forma radical e inovadora, num mundo marcado pela interdependência global, em que as oportunidades e os riscos se apresentam também interligados de uma forma sem precedentes na história da civilização. O que Giddens propõe é uma Europa federal, com a zona euro como força impulsionadora, corporizada numa União Europeia mais integrada capaz de tornar-se numa sólida potência mundial. A cerca de 70 anos de distância as palavras de Churchill “deixemos a Europa erguer-se” ainda podem ser inspiradoras, conclui o autor, após defender o seu ponto de vista ao longo das 247 páginas que compõem o livro. ■

Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

A Tate Modern (Londres) prepara-se para receber a exposição que foi inaugurada em outubro do ano passado no Musée d'Art moderne de la Ville de Paris. A partir de 15 de abril (e até 16 de agosto), a exposição intitulada *Sonia Delaunay: les couleurs de l'abstraction* mostra a produção artística de uma das figuras mais originais e prolíficas da arte ocidental da primeira metade do século XX: Sonia Delaunay (1885-1979).

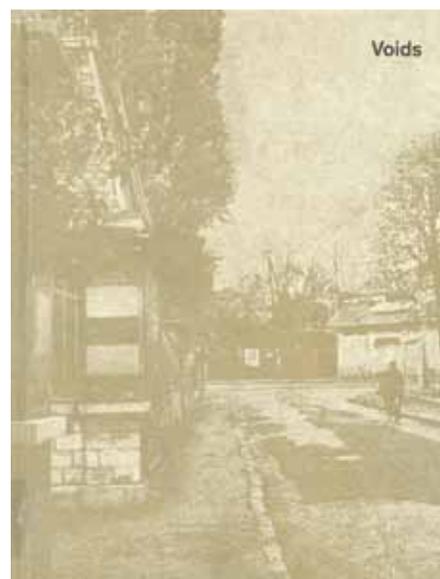
A mostra – que reúne cerca de 400 obras, entre desenho, pintura, gravura e têxteis – é a mais completa dedicada até ao momento à artista. São percorridos os diversos períodos da sua criação, desde os primeiros trabalhos de juventude, com grande influência de pintores como Matisse, Derain e Vlaminck, até às litografias que Sonia produziu já na década de 1970. Aos visitantes é mostrado como Sonia, uma das precursoras da abstração, procurou constantemente diferentes caminhos estéticos, explorou novas técnicas e utilizou materiais diferentes e até inesperados, colaborando não só com artistas de outras áreas, como a literatura, o teatro e a dança, mas também com a indústria, por meio da criação de padrões para tecidos, por exemplo.

Relativamente ao excelente catálogo (em francês) que acompanha a exposição, segue a mesma organização cronológica, com sete partes (correspondendo a cada um dos períodos da vida de Sonia Delaunay), profusamente ilustradas com a reprodução das peças e de outros materiais documentais em exposição, e com textos de autores/historiadores de arte, entre os quais Griselda Pollock. Completam-no a lista das obras expostas e uma bibliografia selecionada. ■



Entre 25 de fevereiro e 23 de março de 2009, nove das salas do quarto piso do Centre Pompidou (Paris) apresentaram-se aos visitantes de paredes brancas e completamente vazias. Intitulada *Voids: a retrospective*, esta exposição só aparentemente mostrava o “vazio” (*void*) porque, na verdade, cada uma dessas salas evocava nove exposições de arte que, de forma conceptual, expuseram o vazio, começando pela primeira, a célebre *La spécialisation de la sensibilité à l'état de matière première en sensibilité picturale stabilisée*, frequentemente apenas designada por *Le vide* (O vazio) de Yves Klein, na galeria Iris Clert (Paris, 1958), a *The air-conditioning show* (1966-1972) do coletivo Art&Language, e as mais recentes *Money at the Kunsthalle Bern* (2001) de Maria Eichorn e *More silent than ever* (2006) de Roman Ondák.

O catálogo de uma exposição é o registo físico que dela fica, constituindo-se, muitas vezes, como um instrumento de investigação paralelo e autónomo. No caso do livro-catálogo publicado por ocasião da exposição, foi encarado pelos seus curadores – Mathieu Copeland, John Armleder, Gustav Metzger, Mai-thu Perret, Laurent Le Bom, Clive Phillpot e Phillippe Pirotte – como “uma parte fundamental” do seu projeto curatorial. Trata-se de um extenso catálogo-livro, dividido em três partes: o catálogo propriamente dito; uma antologia de textos, ilustrados por fotografias, uns já existentes e outros escritos de propósito, sobre movimentos e artistas contemporâneos que conceptualizaram o tema do vazio; e uma terceira parte em que vários artistas convidados tiveram liberdade absoluta para, numa página, abordarem criativamente o tema. ■



Museu Calouste Gulbenkian

Tapeçaria *Vertumno e Pomona*

Foram muitos os artistas do Renascimento que se inspiraram nos temas da mitologia clássica para a realização dos seus trabalhos. O impacto da obra do poeta romano Ovídio na produção artística renascentista é bem conhecido. A história de Vertumno e Pomona é descrita na sua obra *Metamorfoses* onde Vertumno, deus das estações do ano, tenta captar a atenção da sua amada, Pomona, deusa das árvores de fruto e jardins. Vertumno disfarça-se de variados personagens até conseguir conquistá-la.

No caso presente, ele assume o papel de apanhador de frutos e munido de uma escada caminha em direção a Pomona que, gesticulando, o tenta manter afastado. As duas figuras encontram-se num jardim luxuriante, rodeadas de cariátides e meninos que trepam às árvores e apanham frutos. A intensa atividade que se vive no jardim contrasta com a tensão do olhar que se estabelece entre as duas personagens principais.

Pieter Coecke van Aelst transpôs esta história para cartões de tapeçaria de uma forma admirável, criando uma nova linguagem visual onde jardins panorâmicos, decorados com elementos de arquitetura clássica, encerram uma atmosfera de uma certa magia e intemporalidade. Trata-se de uma narrativa romântica, de verdadeiro empenhamento na conquista amorosa e, talvez por isso, estas tapeçarias tenham sido tão apreciadas na época. Os seus cartões foram utilizados várias vezes para se tecer novas séries. São conhecidos três tipos de cercadura para estas tapeçarias quinhentistas que chegaram até nós. No caso presente é uma barra larga decorada com cartelas, muito ao gosto da produção flamenga da época, apresentando ao centro uma inscrição latina. O fundo desta barra apresenta uma decoração engradada com padrão de inspiração mourisca. Na

orla estão tecidas as marcas de Bruxelas e a do tapeceiro que até à data permanece desconhecido. No entanto, dada a qualidade técnica do trabalho e a riqueza dos materiais, pensa-se que será um mestre tapeceiro de primeira linha. A tapeçaria do Museu Gulbenkian é a quinta de uma armação (conjunto de tapeçarias) de nove, pertencendo as outras oito ao Kunsthistorisches Museum de Viena e anteriormente à coleção imperial austríaca. Esta peça, uma das mais marcantes da coleção Gulbenkian, tem estado ausente do museu por ter sido emprestada para figurar numa importante exposição no Metropolitan Museum of Art, em Nova Iorque: *Grand Design. Pieter Coecke van Aelst and Renaissance Tapestry*. Foi uma iniciativa em que participaram grandes especialistas na matéria e de onde saiu uma nova possível autoria para esta série de tapeçarias, até agora atribuídas a Jan Vermeyen.

Embora já tenha regressado ao Museu Gulbenkian, esta obra não estará disponível ao público nos próximos tempos. Exposta ininterruptamente desde que o museu foi inaugurado (1969), pensou-se que seria oportuno mantê-la durante algum tempo na reserva, por uma questão de conservação, ficando assim protegida do pó e da luz, dois dos grandes responsáveis pela deterioração dos têxteis. Esta tapeçaria foi adquirida por Calouste Gulbenkian a 11 de fevereiro de 1938. ■ **Clara Serra**

Tapeçaria *Vertumno e Pomona*

Cartões atribuídos a Pieter Coecke van Aelst, c.1544

Bruxelas, 1548-1575

Lã, seda, ouro e prata

425 X 500 cm

Inv. 2329



P'ra rir!

Cinema
no Grande
Auditório
Gulbenkian



Some Like It Hot



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

Outra Vez

7 mar.
a 26 abr.
2015

Programador:
João Mário Grilo



Guys and Dolls



O Pátio das Cantigas / Col. Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema

Bilhetes - 3€
Passe - 30€

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

Av. de Berna, 45A
1067-001 Lisboa

www.gulbenkian.pt